



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

A HISTÓRIA DE UM MEDIUM NA COMUNIDADE VILA NAZARÉ-PARA

Marabá-PA
2022

FRANCISCLEBIA PEREIRA DA SILVA

A HISTÓRIA DE UM MÉDIUM NA COMUNIDADE VILA NAZARÉ-PARA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Ciências Humanas e Sociais - CHS. Orientador: Prof. Dr. Jerônimo da Silva e Silva

Marabá-PA

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação(CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho**

S586h Silva, Francisclebia Pereira da
A história de um medium na comunidade Vila Nazaré-Pará
/ Francisclebia Pereira da Silva. — 2022.
52 f. : il. color.

Orientador(a): Jerônimo da Silva e Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas,
Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena
em Educação do Campo, Marabá, 2022.

1. Espiritismo - São Domingos do Araguaia (PA) . 2.
Mediunidade. 3. Religião. 4. Cultos afro-brasileiros. I. Silva e
Silva, Jerônimo da, orient. II.Título.

CDD: 22. ed.: 133.908115

Elaborado por Renata Souza – CRB-2/1586

FRANCISCLEBIA PEREIRA DA SILVA

A HISTÓRIA DE UM MÉDIUM NA COMUNIDADE VILA NAZARÉ-PARA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA -Instituto de Ciências humana- ICH, como requisito para obtenção do grau de licenciatura em educação do campo, com habilitação na área de ciências humanas e sociais – CHS, elaborado sob a orientação do Prof. Drº. Jerônimo da Silva e Silva.

Data de aprovação: Marabá (PA), ____ de ____ de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jerônimo da Silva e Silva
Orientador

Ma. Rita de Cássia Pereira da Costa
Examinadora (FECAMPO)

Prof. Dr. Hiran de Moura Possas
Examinador (FECAMPO)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todas as oportunidades e conhecimento que obtive durante todo esse percurso acadêmico, em especial a minha mãe, Raimunda, única responsável por tudo, por não deixar eu desistir dos meus objetivos. Aos meus filhos Francisco e Amanda, que me motivam todos os dias, a ser um ser humano melhor e sempre buscar novos conhecimentos. As minhas irmãs, Franciellen, Francislene e em especial a minha irmã que trilhou todo esse processo comigo, Francilene, pelo apoio emocional que me deu nos dias difíceis na universidade e pesquisas de campo, e aos meus amigos e colegas de classe, onde destaco a importância da minha colega de classe Gerlane Dias, que por muitas vezes debatíamos sobre os textos nas escadas da universidade, grata por caminhar comigo estes quatro anos.

À universidade pelo curso, ao me sentir acolhida, pela importância do curso, e da relevância social que alcança ao formar discentes pesquisadores e pelas grandes oportunidades que tive de participar de projetos de extensão e iniciação científica. E ao corpo docente e a instituição de ensino em educação do campo, docentes estes que lutam e resistem pela permanência do curso na universidade, onde cada um deles foi muito importante para o meu crescimento acadêmico.

A todos os entrevistados, pela paciência e pela disponibilidade que tiveram em me ajudar neste processo de pesquisa, em especial ao senhor Francisco Dias Carneiro (Chicão), por permitir que eu conhecesse sua trajetória religiosa, ao me mostrar com riqueza de detalhes o seu trabalho.

E por fim meu agradecimento especial ao meu orientador, Jeronimo da Silva e Silva, pelos ensinamentos ao longo de todo o curso, um dos meus primeiros professores que muito me ensinou, sou muito grata por toda paciência durante as disciplinas e orientações, por sempre me motivar, ensinamentos estes que levo para vida toda.

RESUMO

O objetivo do presente estudo, é apresentar a história do médium conhecido como senhor Chicão, dentro do seu contexto na comunidade de Vila Nazaré, Km 02, BR-153, proximidade da cidade de São Domingos do Araguaia e região. Este estudo tem como metodologia a pesquisa primária na área antropológica, com abordagem qualitativa e descritiva coletando relatos do médium Chicão e de moradores locais seus contemporâneos, bem como registro fotográfico. Justifica-se esta pesquisa pela dimensão social que a religião apresenta, no sentido de buscar compreender as experiências religiosas no campo, a valorização da memória dos camponeses e as interações culturais no âmbito das religiosidades locais. Dividido em duas partes, o estudo aborda inicialmente o processo de construção da comunidade, o contexto econômico e social da região do sul do Pará. No segundo momento da pesquisa, discorre sobre a trajetória familiar do narrador, seus dilemas pessoais, o processo de iniciação da mediunidade, e as relações entre catolicismo, espiritismo e religiões afro-brasileiras.

Palavras-chave: Espiritismo. Mediunidade. Vila Nazaré. Amazônia, Educação do Campo..

ABSTRACT

The objective of the present study is to present the history of the medium known as Senhor Chicão, within its context in the community of Vila Nazaré, Km 02, BR-153, proximity to the city of São João do Araguaia and region. The methodology of this study is the primary research in the anthropological area, with a qualitative and descriptive approach, collecting reports from the medium Chicão and from his contemporaries local residents, as well as photographic records. This research is justified by the social dimension that religion presents, in the sense of seeking to understand the religious experiences in the countryside, the valorization of the memory of the peasants and the cultural interactions within the scope of local religiosities. Divided into two parts, the study initially addresses the process of community construction, the economic and social context of the southern region of Pará. In the second moment of the research, it discusses the narrator's family trajectory, his personal dilemmas, the process of initiation into mediumship, and the relationships between Catholicism, Spiritism and Afro-Brazilian religions.

Key words: Spiritualism. Mediumship. Vila Nazaré. Amazon, countryside education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
PARTE I e/ou CAPÍTULO I	
A Comunidade de Vila Nazaré	
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA COMUNIDADE.....	16
1.2 RELATOS DOS PRIMEIROS MORADORES.....	21
1.3 CONTEXTO SOCIAL E DINÂMICAS CULTURAIS DA VILA DE NAZARÉ.....	32
PARTE II e/ou CAPÍTULO II	
O Médiun Senhor Chicão	
2 FRANCISCO DIAS CARNEIRO: MEMÓRIA E MEDIUNIDADE.....	32
2.1 RELATOS DOS VIZINHOS E AMIGOS DO SENHOR CHICÃO.....	36
2.2 O SENHOR CHICÃO EM RELATO.....	38
2.3 HISTÓRIA DE VIDA DO SEU CHICÃO	40
2.4 EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E MEDIUNIDADE.....	48
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERENCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Em 2016, ao iniciar o curso de Educação do Campo, com ênfase em Ciências Humanas e Sociais da UNIFESSPA, Marabá - Pará, realizei trabalhos da disciplina de Tempo e Comunidade sobre a temática relatório socioeducacional, relacionado à história da comunidade Vila Nazaré. O objetivo do presente trabalho de conclusão de curso é conhecer a história da comunidade e da região, e como a mesma foi constituída, entre as relações da faculdade e comunidade. Em 1996, eu e minha família ingressamos na comunidade Vila Nazaré como moradores por motivos pessoais, o que nos proporcionou uma visão singular e particular da dinâmica em sociedade na comunidade.

Há alguns relatos na literatura específica sobre a história da Comunidade Vila Nazaré, e ao conversar com os primeiros moradores que ajudaram a construir a comunidade obteve-se registros fotográficos importantes para o desenvolvimento da narrativa. A partir dos relatos sabe-se que a Comunidade Vila Nazaré se formou no ano de 1972, com a abertura da BR-153 e altura do quilômetro 2. No local se formou um povoado chamado inicialmente de Grota da Camisa, situado a 3 quilômetros da cidade de São Domingos do Araguaia (Latitude: 5° 32' 15" Sul, Longitude: 48° 43' 47" Oeste), na época pertencente ao município de São João do Araguaia, no sudeste paraense.

O estudo proposto é uma continuação dos trabalhos de pesquisas desenvolvidas durante todo o curso, nas disciplinas realizadas nos Tempos Comunidade. As situações observadas, as histórias de vida e da comunidade, principalmente a do seu Chicão contribuíram para a escolha do local, ou seja, a comunidade Vila Nazaré para desenvolvimento da pesquisa. Ademais, pessoalmente esta pesquisa é importante, por contribuir e fazer parte da minha história de vida, comunidade onde minha avó morava, portanto a pesquisa vem a colaborar com a minha infância.

Dessa forma, conforme o desenvolvimento da pesquisa com os moradores mais antigos da referida comunidade, tive a oportunidade de conhecer a história que deu origem a comunidade e as vivências que os moradores tiveram, conforme a realização da pesquisa, me deparei com as lembranças de minha infância, e desde lá o senhor Chicão, o qual tinha muita curiosidade em saber mais sobre sua religião, porém, o estranhamento e as memórias que eu apresentava quando criança, criaram em mim, um estranhamento de sua religião, e durante o curso de graduação, ao cursar

disciplinas que dialogavam sobre religiões, quais eu passei a compreender melhor, e me despertou para além da curiosidade sobre a história de vida do senhor Chicão.

O objetivo do presente estudo, referente ao trabalho de Conclusão de curso, é apresentar a história do médium conhecido como senhor Chicão, dentro do seu contexto, na comunidade e região, a partir de relatos dos moradores que foram entrevistados durante o decorrer do curso de graduação e pelo próprio depoimento do senhor Chicão.

Ao adentrar neste assunto com senhor Chicão, vieram-lhe à tona memórias de todo o seu processo formativo como médium, memórias as quais senhor Chicão chegou a parar de falar por se emocionar, pois não foi fácil para o mesmo aceitar e desenvolver o seu trabalho, que hoje é para ele, ajudar as pessoas com seu dom.

Observar e ouvir sobre a religião do senhor Chicão durante as entrevistas me fez perceber a quão rica era sua história. Ao explorar e articular as memórias, ao desenvolver boa parte da pesquisa, ainda nas disciplinas de Tempo e Comunidade.

Registrar sua vivência e seu trabalho foi desafiador, pois ao explorar este tema, como algo novo, um campo cheio de desafios, e não somente para mim, mas, também para o senhor Chicão, ao apresentar suas memórias desde o momento pelo qual passou por todo o processo de aceitação da sua mediunidade. O estudo foi um processo duradouro, que teve início como o levantamento de dados primários ainda em 2017 e prosseguiu até o ano de 2022.

A mediunidade é encarada de diferentes formas por aqueles que a possuem e por aqueles que a rodeiam. Para o fundador do Espiritismo, Allan Kardec, e de acordo com a União Espírita Mineira - UEM (2013) - a mediunidade é a faculdade do médium, capacidade de um ser, ao se colocar como intermediário entre dois ou mais planos de vida. O Espiritismo teve por berço a França, com Allan Kardec, cujo nome de batismo era Denizard Rivail. Para a Federação Espírita Brasileira, a mediunidade não é um talento, não parte da escolha nem da vontade daquele que a possui, é algo que vem de fora e se impõe a quem o exerce, consiste num dom (FEB, 2013).

Segundo o Portal do Espírito, 2022, no Brasil, o Espiritismo ganhou muita força. Apesar da maioria imensamente católica e pelo catolicismo ser a religião oficial do Império, o Espiritismo chegou no século XIX e espalhou adeptos e simpatizantes. Chico Xavier se tornou famoso em todo o país e fora dele e foi reconhecido como o maior brasileiro de todos os tempos, por meio de votação do público no programa exibido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

O povo brasileiro é muito religioso e costuma respeitar e até admirar as figuras espirituais ainda que não sejam da sua denominação. Da mesma forma que Chico Xavier foi procurado por pessoas que não se identificavam como espíritas, na Vila Nazaré, em São Domingos do Araguaia-PA, o médium despertou o carinho da comunidade, bem como a confiança para a assessoria espiritual.

Esta história acerca de mediunidade se passa no sul e sudeste do estado do Pará, numa comunidade de efervescência cultural e religiosa chamada Vila Nazaré, que foi rota da Serra Pelada, campo de batalha entre guerrilheiros e militares, o local este escolhido para habitação do médium Francisco Dias, popularmente conhecido como seu Chicão.

A comunidade da Vila Nazaré tendo como moradores mais antigos os narradores protagonistas desta pesquisa, dela observa-se que a organização social é basicamente camponesa, com culturas com pequena produção para o sustento familiar, como plantio de açaí e mandioca. Soma-se a isso, o desenvolvimento de um pequeno comércio local. Como uma economia baseada no plantio para o consumo de e venda de alimentos no comércio local, em São Domingos do Araguaia e Marabá.

Este estudo tem como metodologia a pesquisa primária na área antropológica, com abordagem qualitativa e descritiva, coletando os relatos de pessoas que são da comunidade e vizinhos ao médium Chicão. Justifica-se esta pesquisa pela dimensão social que a religião apresenta, por todos os benefícios e efeitos econômicos e afetivos que a prática religiosa e da fé trazem, bem como, da compreensão das experiências religiosas no campo e da valorização da memória dos camponeses.

As atividades desenvolvidas ao longo da pesquisa foram constituídas de entrevistas, observações participantes, análise documental; documentos estes, que foram disponibilizados pelos moradores mais antigos da comunidade, à qual participaram diretamente do processo histórico e desta pesquisa.

Foram utilizados os seguintes procedimentos e técnicas para pesquisa: gravações em áudios, facilitando assim, o registro da entrevista e a condução para o envolvimento com os entrevistados; com análise documental do local de estudo. A partir dos relatos dos moradores que foram entrevistados, foi possível desenvolver um histórico da comunidade, para entendermos, como foi constituída, sua criação e relações entre o meio acadêmico e comunidade. Aclarar o que quer dizer - o meio acadêmico em que circunstâncias.

Quanto à elaboração do estudo, foi realizado com o tempo pertinente, para o desenvolvimento da pesquisa e inserção na comunidade da Vila Nazaré, no Município de São Domingos do Araguaia no estado do Pará, feita sob orientação do professor Jerônimo da Silva e Silva.

Sobre esta pesquisa etnográfica infere-se que o primeiro passo dado foi a aproximação de pessoas e da comunidade para realizar a observação sistemática por meio do exercício do olhar e do escutar das práticas sociais. Sendo a interação a condição da pesquisa com fluxo no tempo e na pluralidade das situações vivenciadas por membros da comunidade, nas casas, na rua, em comunidade como sociedade em geral (ROCHA; ECKERT, 2008).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas cinco entrevistas, onde todos os entrevistados, são moradores fundadores da Vila. Justifica-se a escolha pela realização das entrevistas, devido o favorecimento de disponibilidade dos entrevistados, conforme as lembranças e vivências com a história da comunidade e da religiosidade, compostas em riqueza de detalhes, pela relevante inserção no contexto na comunidade pesquisada.

Além de trabalhar com informações primárias, este estudo, tem como desafio o acompanhamento e reflexões feitas, sobre as narrativas dos membros da comunidade, como uma fotografia, a apresentar a história da comunidade e no sentido de promover para o leitor a análise da vida do médium senhor Chicão.

Sobre o uso de diário de campo, Oliveira (1995) relata que os dados contidos no diário e nas cadernetas de campo dos alunos adquirem inteligibilidade sempre que lembrados pelo pesquisador; o que equivale dizer que a memória constitui provavelmente o elemento mais rico na redação de um texto, contendo ela mesma uma massa de dados cuja significação é mais bem alcançável quando o pesquisador a traz de volta do passado, tornando-a presente no ato de escrever.

Este estudo foi abordado em dois momentos distintos, onde no primeiro momento houve argumentações sobre o processo de construção da comunidade, e o contexto econômico e social da região do sul do Pará, e as contradições entre os interesses do poder público e o modo de vida apresentado pelos primeiros moradores.

O segundo momento da pesquisa, apresentou a trajetória de vida e familiar do senhor Chicão narrador, seus dilemas pessoais, o processo de iniciação da mediunidade, e as relações entre catolicismo, espiritismo e religiões afro-brasileiras

que em sua perspectiva foram fundamentais para a sua formação nas práticas de cura.

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE VILA NAZARÉ

A História da Comunidade Vila Nazaré começou no ano de 1972, com abertura da BR-153, pois a altura do km 02 se formou o povoado chamado de Grota da Camisa, há 50 km da cidade de Marabá e há 3km de São Domingos do Araguaia, na época município de São João Araguaia, no estado do Pará.

Essa comunidade foi povoada por famílias oriundas do Nordeste brasileiro à procura de terras para trabalhar. Ao chegarem à região, não conseguiam esse tão sonhado pedaço de terra para criar suas famílias. Ao saberem da notícia de que os terrenos próximos à BR-153 poderiam ser ocupados, e muitos por já terem parentes e conhecidos, migraram para esta localidade. Entretanto, mesmo aí, nem todos dos que chegaram encontraram espaços para construir suas casas, isso devido à grande procura por terrenos ocorrida naquela época, forçando-os a voltarem ao seu local de destino. E aqueles que se fixaram deram início ao povoado e a organização social.

Segundo Santos (2017), a comunidade recebeu o nome de Vila Nazaré porque foi organizada pela Igreja Católica e, em 16 de fevereiro de 1975, o Padre Roberto realizou uma missa na casa do morador Antônio dos Santos, momento que serviu para a instituição religiosa ouvir os moradores e ajudar as famílias mais carentes. Padre Roberto, padre Humberto, irmãs Lima, Odete, Josina Leliosa, Maria da Graça, todos esses da Paróquia de São Domingos de Gusmão, estiveram formando essa espécie de comitê assistencial para a localidade, inclusive comprando os lotes de terra para as famílias desabrigadas. Percebe-se então que desde a sua origem, Vila Nazaré trás relação com a organização religiosa e com ela imprimindo elementos da cultura.

Nesse momento, os moradores que já estavam com a sua moradia na Grota da Camisa se preocuparam com as outras famílias que chegavam e não encontravam mais espaços para morar, tendo dessa forma, que se alojar em casas dos seus conhecidos e parentes. A seguir, há o relato de um dos moradores pioneiros da comunidade sobre a história da criação de Vila Nazaré, que é o senhor Manoel Nelito, que migrou para a comunidade no ano de 1965, e fez parte da construção da BR 153.

Vim de uma vila chamada Vila Landi, que fica na beira do rio Tocantins, moramos lá até os meus 15 anos, aí meu pai comprou essa terra aqui e viemos pra cá. Aqui era um povoado de poucas famílias, e diante da situação em que se encontravam os moradores que não tinha um lugar para ficar, dessa maneira, uniram esforços e iniciaram os primeiros passos da formação da referida comunidade de Vila Nazaré que, até então, se chamava Grota da Camisa. (MANOEL NELITO)

O senhor Manoel Nelito, trabalhador na construção da estrada BR 153, relata que tinha apenas oito a dez casas, as pessoas moravam na beira da estrada, e conta que hoje na comunidade moram apenas alguns dos chamados pioneiros, como o Sr. Deusdete Miranda, e o Sr. Feliciano, alguns já faleceram, e pouco resta hoje dos pioneiros. Outro morador pioneiro, o senhor Feliciano Chagas, septuagenário, relembra a origem do nome Grota da Camisa, sobre a qual relata: “É porque andava uns caçadores e deixou a camisa num galho de um pau lá na ponte, aí ficaram chamando grota da camisa”.

O senhor Francisco Dias Carneiro, se intitula primeiro morador da comunidade e traz consigo lembranças do início da comunidade, sobre as quais relata:

O Nelito foi loteando as terras e vendendo, daí foi preenchendo de gente, hoje pra gente comprar um lote aqui e muito dinheiro, aí ela era titulada essa terra, e a única pessoa que pode falar que é o morador mais antigo atualmente daqui sou eu e antes de mim não tem ninguém, quando o compadre José Guimarães veio morar aqui eu já tava aqui, ajudei ele limpar o terreno dele, foi enchendo de gente por aí, e eu tô aqui até hoje, mas de *pranta* o mais velho sou eu. O Nelito era quem era o autor do problema aqui, o padre Roberto comprou essa área de terra era da primeira mulher minha, que eu casei, do finado Murilo que morava bem ali onde hoje é a casa do Meia Noite. Daí o padre Roberto comprou essas terras, que era só no meio aqui porque no fundo era do Guido Mutran, aí o padre Roberto comprou e entregou pro Nelito vender e formar uma vila aqui, mais eu comprei e fiz o meu barraco aqui, e comprei com o dinheiro da serra pelada.

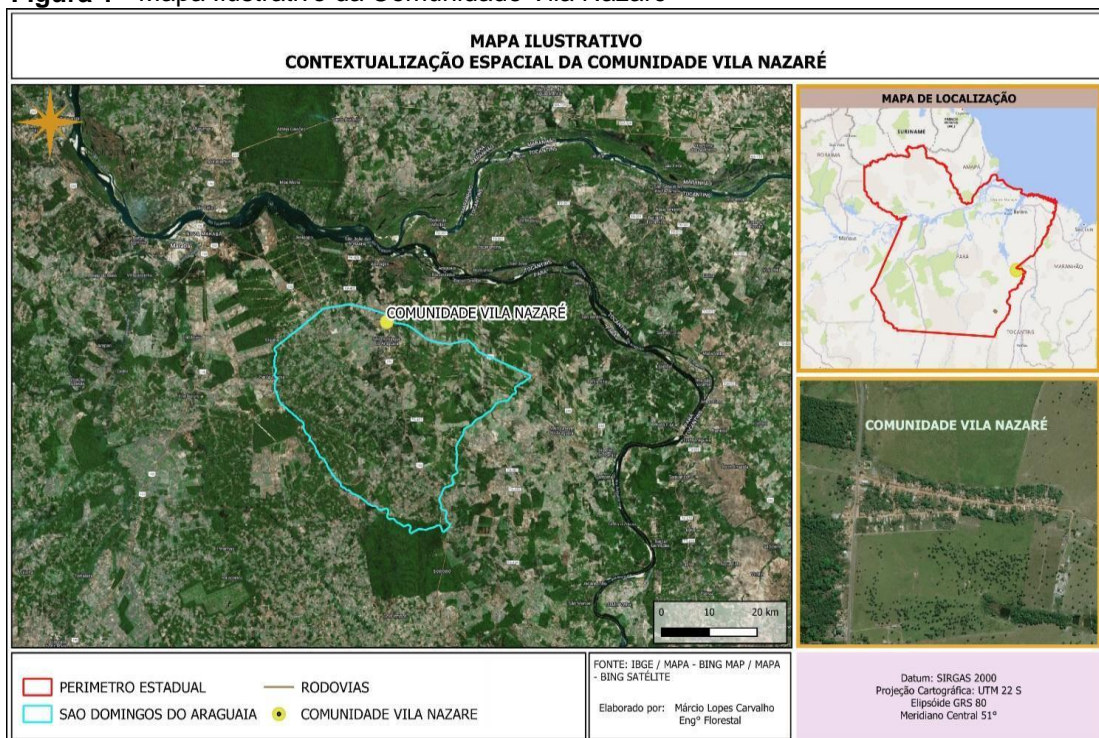
Diante de muitos debates e reuniões sobre a problemática da dificuldade de moradia dos que chegaram, decidiu-se assim, comprar uma área de 12 hectares de terra para loteamento e doação aos respectivos moradores. As doações se concretizaram com a ajuda da Igreja Católica que recebeu benefícios do exterior por intermédio do Bispo da diocese da cidade de Marabá, Dom Alano.

O processo de povoamento da Vila Nazaré não destoa do povoamento mais amplo no sul e sudeste do Pará, em que se caracteriza o conflito com grandes proprietários de terra pela distribuição de lotes entre as famílias de imigrantes, que esperavam para desenvolver suas próprias atividades agrícolas. Nota-se ainda a

participação da Igreja Católica na mediação dos conflitos e decisivamente contribuindo para repartição de lotes a todos. A localização da “Grotta da Camisa”, atual Vila Nazaré também demonstra que foi uma área que sentiu a presença militar no contexto da Guerrilha do Araguaia, que veremos brevemente abaixo, à título de contextualização (ANGOTTI et al., 2016).

De acordo com o IBGE 2018 (Figura 01), a cidade de São Domingos do Araguaia, está localizada nas coordenadas geográficas Latitude: 5° 32' 15" Sul, Longitude: 48° 43' 47", no sudeste do estado do Pará, o município tem área de 1398,559 km², pouco mais 25.753 habitantes segundo último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas-IBGE. A atual gestora é a senhora Elizane Soares que iniciou seu mandato no ano de 2021. São Domingos do Araguaia é uma das cidades situadas próxima a São João do Araguaia em que 34,0% das pessoas residem na região rural, enquanto os outros 66,0% dos residentes estão na área urbana, o qual possui várias comunidades rurais em torno da cidade.

Figura 1 - Mapa Ilustrativo da Comunidade Vila Nazaré



Fonte: <http://br.bing.com/maps>, 2021

Nessa época de formação da Vila Nazaré ocorria a Guerrilha do Araguaia, provocada pela repressão militar, que acabava intimidando a presença de moradores nas reuniões. No entanto, com o crescimento do movimento comunista no Brasil,

grupos de militantes se deslocaram para esta região, contribuindo para a conquista, e por meio de associações, as terras que foram distribuídas aos seus moradores.

Santos (2017) endossa o medo que os moradores tinham de se tornarem joguetes entre as forças militares e as forças revolucionárias da Guerrilha do Araguaia, à qual se dedicará um espaço para conceituação e rememoração. Justamand e Mechi (2014) dizem que a Guerrilha do Araguaia é um dos episódios mais sombrios do período da ditadura civil-militar brasileira. O campo desse acontecimento foi a tríplice divisa entre os estados de Pará, Maranhão e Tocantins. A guerrilha foi idealizada e organizada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Nas palavras de Barbosa (2016) o movimento chamado de Guerrilha do Araguaia foi um conjunto de ações deliberadas de um grupo majoritariamente jovem, estudante, universitário, operário e político de cunho ideológico, cujo objetivo era instaurar o sistema socialista no país. Também diz que o PCdoB, partido que estava por trás das mobilizações de tropas, era de segmentação bélica, revolucionária.

A Guerrilha do Araguaia foi um conflito interno brasileiro, civil, que não tomou as mesmas proporções que Canudos ou a Confederação do Equador, mas seus números são de difícil acesso e leitura (MORAIS, 2005) uma vez que os militares tentaram abafar o caso o máximo possível, (JUSTAMAND; MECCHI, 2014).

Mechi (2012) diz que o trabalho arqueológico, anos depois dos conflitos, conseguiu vestígios dos conflitos e isso graças à contribuição de moradores antigos da região e também da construção civil, que achava pistas enquanto preparava o alicerce dos empreendimentos. Como se trata de um embate recente, em comparação a outros que já houve no Brasil, moradores como Manoel Nelito, Chicão e outros são testemunhas disputadíssimas.

Conforme os relatos levantados por Justamand, Mechi (2014) dizem que a Guerrilha do Araguaia foi reprimida pelas forças militares, com auxílio das polícias locais, além da convocação dos camponeses, o que explica o medo que a população de Vila Nazaré tinha se ali se instalar, porque vinham em busca de paz e prosperidade e poderiam acabar tendo que pegar em armas ou, no mínimo, prestar serviços de espionagem e delação.

Militantes do Partido Comunista Brasileiro escolheram a região Norte do país para se reunir e preparar o que poderia ser um contragolpe ao regime militar. As forças armadas foram ao local e, para começar a investigação, muitas vezes usaram de violência para com os moradores, prisões arbitrárias e interrogações. Uma das

moradoras da região, a senhora Madalena, relatou aos pesquisadores acima o seguinte:

Eles chegaram na casa de meu pai, aí prenderam meu pai, aí saíram tocando meu pai igualmente se toca um porco né, aí minha mãe saiu atrás com nós chorando, aí eles mandou nós calar a boca né. Aí chegamos na Vila de Santa Cruz, aí eles colocaram meu pai intimado em cima de uma areia quente né, no sol quente, na areia quente o dia todo sem comer e sem beber. E nós chorando ao redor e eles mandando nós ir embora, sair de lá né, aí depois nós ficamos sem ter onde se ranchar né, no meio da rua, no meio da vila lá, aí uma comadre da minha mãe foi que pegou nós, levou pra casa dela e deu comida pra nós, entendeu? Aí ficamos sem direito de voltar na terra (...) aí eles tocaram fogo na nossa casa também (...) ficamos só com a roupa do corpo. (JUSTAMAND; MECHI, 2014 pag.3).

Relato semelhante é apresentado por Santos (2017, p. 44), quando expõe as palavras do senhor José Guimarães:

Na realidade quem fazia o terrorismo eram os vinte mil soldados do exército, polícia federal, militar, marinha, aeronáutica, formados para matar, onde mataram mais de setenta políticos e entre eles também morreram muitos camponeses, crianças e até animais, devido ao grande abuso do poder na pessoa do tal Curió, o povo tinha medo de reunir nas comunidades para discutir os destinos e o desenvolvimento da comunidade, isso nos anos 70 a 72.

Santos (2017) registrava à sua época, oitenta famílias na comunidade Vila Nazaré, e tendo em consideração que muitas gerações mais jovens saem em busca de melhores oportunidades, as vozes que permanecem são de moradores como senhor Chicão, Nelito, José Fernandes, fontes vivas aos historiadores.

O fato é que a comunidade teve uma formação bem semelhante às das grandes nações ou dos povos consolidados, teve uma origem ligada às batalhas, à luta por um espaço ou por reconhecimento, como foi o de todas as civilizações. Nasceu na década de 1970, enfrentando logo de cara a luta entre comunistas e militares. Seguramente houve aqueles que tinham mais medo de um ou outro lado da guerra, mas o medo foi comum, assim como o receio.

Além de confrontos armados, Vila Nazaré também teve outros pontos marcantes no seu contexto histórico, de formação nesses territórios, que foram a presença do componente religioso, a corrida pela terra e pelo trabalho e o destaque para uma atividade econômica, que neste caso foi a exploração do minério de ouro na Serra Pelada.

Para Mathis (1995), a exploração de ouro na Serra Pelada começou no fim de 1979 e começo de 1980 e ocupou os municípios de Marabá. Em março de 1980, cinco mil garimpeiros já trabalhavam nas áreas da Fazenda Três Barras. Pouco tempo depois, a empresa que tinha a concessão para atuar no local, a Rio Doce Geologia e Mineração, se instalou no local para comprar o ouro extraído.

Ainda em 1980, conforme Mathis (1995), o Estado, representado na época pelo governo de João Batista Figueiredo, se mobilizou até as jazidas para regulamentar a atividade como um todo. Mathis (1995) emenda: “O Governo Federal se impõe como dono de garimpo na Serra Pelada e define as regras que organizam a vida dos trabalhadores controlando a entrada e saída de pessoas do garimpo”.

Angotti et al., (2016) contam que no auge da mineração, extraíam-se de 30 a 40 toneladas de ouro. A mina foi fechada em 1992 e reaberta em 2002 e conta com quase 45 mil garimpeiros de origem. Por pressão popular e dos garimpeiros, o presidente Figueiredo liberou 100 hectares para exploração, o que o fez pagar uma indenização de 60 milhões de dólares para a Vale do Rio Doce, que era a dona da Serra Pelada.

O que de acordo também com Angotti et al., (2016) comentam que a Serra Pelada faz parte de uma região complexa em termos sociais e econômicos, em que as pessoas não conseguem ascender socialmente e estão longe do alcance dos programas de governo. Por essa razão, os moradores das cidades circunvizinhas abraçaram a extração de ouro, como sendo a última ou única oportunidade de suas vidas.

Vê-se, desse modo, que a Vila Nazaré é composta por um complexo de memórias que são bastante evocadas para explicar os principais acontecimentos relacionados ao processo de ocupação territorial nesta parte da Amazônia. Como não se pode deixar de perceber, a experiência religiosa também constitui um fator decisivo para o desenvolvimento do local, principalmente por revelar como as distintas formas de crer passam a se amalgamar na realidade comunitária.

Para adentrarmos ao tema de pesquisa, e nos relatos das experiências religiosas, e o papel de um importante médium na comunidade, é necessário conhecer a experiência dos ditos “primeiros moradores” sobre o início da comunidade, no sentido de entender o cotidiano, o trabalho e os desafios enfrentados. Não se trata de apreender a história de vida desses moradores, e sim de apresentar elementos sobre a formação e o desenvolvimento da comunidade como contexto importante e base

das relações sociais. E sob essa base de experiências da religiosidade a partir da trajetória de um médium.

1.2 RELATOS DOS PRIMEIROS MORADORES

A partir dos relatos dos moradores mais antigos da comunidade vila de Nazaré, foi possível criar um histórico de como a comunidade se organiza e a sua formação cultural, a qual tem relação com a história de vida dos discentes do curso de Educação do Campo, o que me fez repensar sobre o valor e a riqueza de minhas experiências e origens. Porque assim como eu, vários outros estudantes são naturais do interior do Pará e essas pesquisas partem das memórias de grandes nomes das cidades e vilas.

Dentre os moradores entrevistados, estão o senhor Chicão, Manoel Nelito (Figura 2), Rosa - a parteira, José de Guimarães, Francisco Renê Carneiro Santos, Feliciano das Chagas, que se intitulam “os pioneiros da comunidade”, que relatam a formação da Grota da Camisa e suas memórias sobre a história da comunidade a partir de suas perspectivas.

Para o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, foram realizadas cinco entrevistas, em que todos são moradores fundadores da Vila. Justifica-se essa opção por alguns motivos: disponibilidade, lembranças e vivências com a história da comunidade e religiosidade, riqueza de detalhes, relevância e inserção no contexto tempo da comunidade.

Figura 2 - Senhor Nelito, um dos Primeiros Moradores da Vila Nazaré



Fonte: Autora (2016).

O seu Manoel Nelito, anteriormente citado pelo senhor Francisco Dias Carneiro, deu entrevista e relata sobre suas memórias sobre a formação da comunidade:

Tinha um pessoal que viajavam nessa estrada que chamavam de varrida né, o pessoal vinha de Imperatriz e chegava em Apinagés e aí eles viajava, pra São Domingos das Latas nessa época, aí quando aqui a direita tem um igarapé que é chamado de Grotta da Camisa, segundo as informações obtidas, e que deixaram uma camisa, pendurada lá no galho de um pau, aí quando o pessoal se encontravam, perguntavam assim, tu encontrou alguém aonde? Há eu o encontrei lá perto da Grotta da Camisa, então é porque deixaram essa camisa enganchada numa árvore né, aí ficou o nome, Grotta da Camisa. Mais tarde surgindo o nome de Vila Nazaré, e achamos por bem que Grotta da camisa seria o igarapé, e a vila não podia ser grotta da camisa, por que vila é algo diferente de igarapé, então ficaria o nome de Vila Nazaré pois já se tinha a Vila São José, aí nós pegamos o embalo, já que agora é Vila Nazaré, por que é santa padroeira da vila né, Nossa Senhora de Nazaré [risos...] (MANOEL NELITO).

O senhor Chicão (Figura 3,4) também descreve especializando o local ainda no início da comunidade:

Tinha a casa da Dona Zuleide lá na entrada, e a casa do Senhor Thomas, de lá pra cá era só uma varedinha, e uma capoeira velha cheia de mandioca e aquela bananeira velha que dava banana sapo, aí tinha a dona Maria Surda e o Renato irmão dela na frente, era os moradores que tinha aqui, de lá na BR o povo chamava de lá pra frente de Grotta da Camisa, e da escola pra cá Vila Nazaré, aí o morador que tinha quando eu cheguei aqui, tinha o Renato que era casado com Saviana que já morreram, dona Maria surda também já

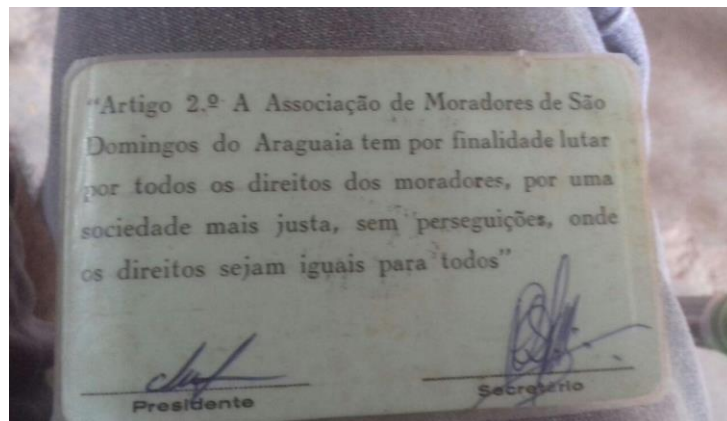
morreu, e não tinha mais ninguém, a minha primeira casa era ali onde é o bar do Renê, aquele terreno era meu.

Figura 3 - Documento do Sr. Chicão (Carteira da Associação dos Moradores de São Domingos do Araguaia)



Fonte: Carneiro, 2021

Figura 4 - Documento do Sr. Chicão (Carteira da Associação dos Moradores de São Domingos do Araguaia verso)



Fonte: Carneiro, 2021

Jose Renê Carneiro Santos (figura 5), por sua vez, morador, e um dos pioneiros da Vila Nazaré relembra sobre a sua chegada aos 14 anos ao Pará e o anos seguintes:

No ano de 1982 viemos para cá em busca de melhorias e tive que acompanhar meus pais, meu pai trabalhava de empreiteiro, fazia pastos, cerca, era serviço braçal mesmo, plantava também na nossa roça também, para consumo e para venda também, plantávamos mais era arroz nessa época. Quando chegamos tinha o velho Felício, Deusdete e no mesmo ano que chegamos chegou o Luizão, Benedito Capela e o Senhor Raimundo do isqueiro. Comecei o meu comércio sem ajuda dos meus pais, comecei só com a cara e a coragem mesmo, a única coisa que eu tinha mesmo era só um toca fitas, sofri várias dificuldades, mas tô até hoje aqui, a seresta tem uns quatro anos que funciona aqui, um dos principais pontos mais movimentado da região, e bem movimentado, conta com música ao vivo, bem movimentada graças a Deus.

Figura 5: Comercio do senhor José Renê



Fonte: Autora (2021)

Ainda sobre a gênese da comunidade, o morador José Lima Guimarães (Figura 6) um dos entrevistados, deu início a comunidade quando era somente mata, ainda com poucas casas, somente com poucas famílias. Não se tinha infraestrutura, segundo José Lima, mesmo que ainda básica, assim como, ausência de escolas, igrejas, as casas eram feitas de taipas, um tipo de moradia feita de madeira, barro, talos e palha de babaçu.

Figura 6: Senhor José Guimarães, primeiro professor da comunidade



Fonte: Autora, 2021

Seu Manoel Nelito complementa sobre suas lembranças quanto ao início da comunidade:

Não era um povoado, eram poucas casas, a estrada era bem na frente daquela casa pra li, e se tinha umas casas contadas assim na beira da estrada, vinha dali do outro lado que é aqui antigamente chamada de Grota da Camisa né, aqui tinha mais ou menos umas oito a dez casas, isso aqui tudo era lote, mais de oito, o pessoal morava na beira da estrada que se chamava de carroçal na época que era São João, Apinagés e São Domingos, e daí até as oitos barracas era castanhal do Carlos Holanda ,na época se tinha esses movimentos, mas também tinha essa trilha, que iria para São Geraldo do Araguaia, mas era só a trilha, era só mata naquela época, hoje não tem mais aquela paisagem que se tinha naquela época.

Diante da falta de moradia para os que chegavam tardiamente, os moradores que já estavam com a sua moradia garantida se preocuparam com as outras famílias que não encontraram mais terras para ocupar, tendo dessa forma, que alojar em suas casas, os conhecidos e parentes. Neste contexto, a situação do senhor Manoel Nelito, um dos pioneiros da Grota da Camisa, por exemplo, junto com outros moradores era conflituosa, por divergências religiosas e econômica, por isso começaram a pedir ajuda para membros da Igreja Católica, pois estes eram integrantes e participantes ativos dentro da comunidade. Dessa maneira, uniram esforços e iniciaram os primeiros passos da formação da referida Comunidade de Vila Nazaré, que até então, se chamava Grota da Camisa.

Durante as entrevistas ao olhar, ouvir e escrever, deparei-me com um elemento importante: a construção de uma narrativa sobre o universo da construção da comunidade com troca entre entrevistado e entrevistador. Sobre esse campo temático, Oliveira (1995) relata que o Olhar e Ouvir representam a percepção da realidade na observação empírica, e o escrever é o ato indissociável do pensamento através da textualização dos dados advindos da observação sistemática.

Os primeiros moradores foram o senhor Feliciano das Chagas e a família do senhor Francisco Felix, e a família Miranda, pois a família Miranda movimentava um pequeno comércio no local em que atendia a comunidade.

José de Souza Queiroz fala sobre a economia local: “A forma do comércio aqui era assim antes tinha o comércio do Deusdete que vendia de tudo, mas fechou devido ele ter ganhado a eleição para vereador aí ficou só o comércio do Rene, lá se vende de tudo que nós precisamos aqui na Vila”.

Quanto à produção para o sustento familiar, as famílias hoje contam com alguns produtos extraídos do seu próprio quintal, o que ajuda no sustento da casa como

cupuaçu, açaí e hortas que algumas famílias produzem, entre outros. Na entrevista se observou alguns critérios que foram expostos pelos moradores, tais como saúde, energia, estrada, abastecimento, transporte, escola, produção e fonte de renda.

As rendas das famílias da comunidade variam de acordo com a produção que cada um desenvolve, pois o produtor de açaí tem uma renda mensal razoável, isto depende da safra, porém no verão às vezes é reduzida pela metade, quando o verão é bem rigoroso, já o produtor de cupuaçu tem uma produção somente no período da colheita e quando esta se encerra, desenvolve outras atividades para tirar o sustento para as famílias, por isso tem rendas variadas, pois depende do que se comercializa no mês, pois nem todos os meses a produção é igual.

Seu Manoel Nelito colabora hoje vendendo polpa de açaí e de cupuaçu, ai a renda aumenta mais, às vezes depende muito da safra do açaí, tem ano que tenho mais lucro que ano anterior, mas quem vende essas coisas, depende também do tempo.

Há relato na literatura específica sobre a história da Comunidade Vila Nazaré, e esses relatos somam-se aos dos moradores. Ao conversar com os primeiros moradores que participaram do processo de formação da comunidade, obteve-se registro dessas narrativas.

Com relação a este fato qual, o da formação, senhor Chicão acrescenta e reclama o interesse coletivo de parte de pessoas que no seu entender foram chave para a instituição e organização da comunidade, como relata:

O Nelito só tinha interesse em vender as terras e ganhar sua comissão. Mas com a comadre Maria e o compadre José Guimarães fizeram as coisas funcionar. Hoje eu tenho até uma coisa assim com meu cumpade que não pode mais trabalhar e viver nas condições que ele vive. Quem orientou e desarnou (encaminhou) isso daqui se chama José Guimarães, minhas filhas, meninas do Tota, Marivalda, filhas do finado Benedito Capela que são professoras hoje, tem o Juarez. Tudo quem desenvolveu foi o José Guimarães.

Na fala do seu Chicão, pode-se perceber a individualidade do senhor Manoel Nelito, uma vez que seu maior interesse foi a vendas de terras, já os outros moradores tinham o intento de se estabelecer. Por outro lado, também pode se conjeturar que a venda de terras, por parte do Nelito, foi uma forma de ajudar na imigração.

1.3 CONTEXTO SOCIAL E DINÂMICAS CULTURAIS DA VILA NAZARÉ

Em sua dinâmica social e cultural um aspecto importante é o lazer na comunidade da Vila Nazaré. Os moradores da comunidade enxergam as celebrações religiosas, quermesses e festejos da Igreja Católica (Figura 7) como manifestação de lazer, assim como os cultos de células estão para os evangélicos das Igrejas Protestantes, os quais fazem celebrações tornando a rotina agregada ao modo de vida dos moradores, sendo as noites de quarta e domingo reservadas para encontro evangélico.

Figura 7: Primeira Igreja da Comunidade; Igreja Católica



Fonte: Autora (2021)

Ainda como formas de diversão estão os banhos em igarapés e rios próximos aos finais de semana, e o campo de futebol para crianças e adultos. A necessidade de bem-estar, se afastar dos problemas da vida material e a busca para os alívios do dia-a-dia, o que demonstra que o lazer é associado como meio de promoção e inclusão social, bem-estar, qualidade de vida, socialização, interação entre indivíduos ou mesmo como meio de combate á violência ou insegurança SOARES, NETO (2018).

O primeiro campo de futebol da comunidade foi mudado, em 2001, para outra localidade, dando lugar para uma quadra poliesportiva em julho de 2002 onde a bola já rolava nos pés da garotada, no novo campo de futebol, tudo isso comandado por um grupo de esportista da comunidade.

No dia 27 de dezembro 2003, no antigo campo de futebol, começou a demarcação para a construção de uma quadra poliesportiva. No dia 11 de fevereiro de 2004, numa quarta-feira, começou a construção de uma sala de aula para o jardim

I e II, hoje infantil I e II. Em pouco tempo as instalações já foram disponibilizadas para a população.

Segundo o relato do Sr. Manoel Nelito, no 1º domingo de janeiro de 1975, foi realizada a primeira celebração católica neste povoado, desde então todos os primeiros domingos de cada mês realizava estas celebrações, com a ajuda de moradores e principalmente com a ajuda de quatro membros da Comunidade de São Domingos do Araguaia, eram eles: José dos Santos, conhecido como José Padeiro; Assis dos Santos; João Careca; Antônio Pequeno, os quais dialogavam, e faziam as celebrações nas casas dos moradores.

Vale ressaltar que não existia uma igreja pré-estabelecida (Figura 8) sendo utilizado para essas celebrações um barracão de palhada figura construído pelos moradores citados acima. Abaixo há uma foto que mostra este local onde foram celebradas as primeiras missas:

Figura 8 - Primeira celebração da Igreja Católica na Comunidade de Vila Nazaré Ano 1975.



Fonte: Raimunda, 2021

Ainda de acordo com os relatos do Sr. Manoel Nelito, no dia 16 de fevereiro de 1975, o Padre Roberto, da Paróquia de São Domingos de Gusmão, celebrou a primeira missa (Figura 9) na casa do senhor Antônio dos Santos, um dos pioneiros da comunidade.

Figura 9 - Espaço onde se realizavam as missas Ano 1975.



Fonte: Raimunda, 2021

Com a visita do padre Roberto, outros religiosos também começaram a participar da caminhada como: Padre Humberto, irmã Lina, irmã Odete, irmã Josina Leitosa, irmã Maria das Graças, com o apoio dos moradores eles fizeram, visitas, reuniões e cursos de preparação de animadores de comunidade, CEBs (Comunidades Eclesiásticas de Bases).

Com relação à atuação direta do padre Roberto na comunidade, o morador narra:

O padre Roberto comprou essa área de terra era da primeira mulher minha que casei, do finado Murilo que morava onde hoje é a casa da meia noite. Daí o padre Roberto comprou essas terras, que era só no meio, porque no fundo era do Guido Mutran, então o padre Roberto comprou e entregou pro Nelito vender e formar uma vila, mas eu comprei e fiz o meu barraco, e comprei com o dinheiro da serra pelada.

O senhor José Lima Guimarães discorre sobre a vida em comunidade: "É uma vida bem tranquila, basicamente estruturada vive todo mundo independente, e hoje em dia, está mais fácil de viver, em minha casinha, no meu ponto de vista vive todo mundo razoavelmente bem".

A comunidade tem como rotina de atividades, tanto social como cultural, uma das festas tradicionais da comunidade é o festejo de Nossa Senhora de Nazaré, realizada em nove noites de celebrações com leilões e comidas típicas da região, após a realização da missa de 31 de agosto a 08 de setembro. Durante esse evento a igreja

faz nove celebrações em dias diferentes, onde na última celebração, acontece vários batizados, casamentos e a primeira eucaristia.

No mês de junho, a escola promove a festa junina, onde os alunos apresentam danças folclóricas como quadrilha e o carimbó, juntamente com outras escolas que são convidadas para participar.

Com a fala do seu Chicão percebe-se a atuação da Igreja Católica na formação das comunidades. O papel da igreja Católica, como se percebe, pode, de um lado, contribuir para a conquista da terra e melhoria das condições de vida, e ao mesmo tempo, em diálogo com o pensamento de Neto (2007), servir de vínculo ao poder dominante, assim, as igrejas buscaram adequar os sujeitos sociais às normas das sociedades nas quais eles se encontravam, dentro de um contexto em que a Igreja Católica perdera o poder de instituição de Estado, mas detinha o maior status de formadora moral.

Para a realização desta conquista foi necessário quebrar vários paradigmas, pois nessa época os moradores tinham receio de participar das reuniões, e até mesmo das celebrações com medo da repressão militar na região, mas mesmo assim a Igreja Católica junto com os moradores conseguiu esse feito, pois tratava-se de uma época que acontecia na região a Guerrilha do Araguaia. Com relação a Guerrilha, seu Chicão ano descreve como afetou a comunidade:

Nesse tempo caminhonete cheio de policiais, iam levar o finado Dudu Fernandes, daí o Dudu Fernandes me conhecia, pois estava até fazendo um serviço pra ele, eles pararam e me levaram pra bacaba, da bacaba eu fui lá pro noventa, eu nunca fui empurrado por eles, não apanhei nem nada, tá difícil falar disso mas, eu só era o frente que orientava eles, a se locomoverem na mata, porque na época não se tinham estradas acabadas como hoje pra Marabá, pois tudo era Castanhal com mata fechada ou mateiro.

Em novembro de 1997 passavam os maquinários da empresa Engenharia S.A – EGESA - reabrindo e construindo a nova rodovia BR-153, que melhorou bastante a cidade de São Domingos do Araguaia, mas aumentaram os riscos de vida de muitos animais silvestres, domésticos e das pessoas, uma vez que aumentou o fluxo de transportes. Hoje há a promessa que agora vão fazer o calçamento de broquetes nessa nova gestão, segundo Francisco Rene, morador da avenida Valadares.

O senhor José Lima Guimarães, primeiro professor da comunidade, relata que começou a lecionar em 1986, “pois já sofri muito no trabalho pesado”. Ele cita que estava nascendo no Brasil o partido comunista com a sigla P.C. do B (Partido

Comunista do Brasil), e vieram uns grupos de militantes deste partido de vários lugares do Brasil como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, e se embrenharam nas matas do Pará, mais precisamente nas localidades de Xambioá, São Geraldo, São Domingos do Araguaia, Palestina, Brejo Grande, Bico do Papagaio e Marabá, de onde partia as buscas para capturar: Osvaldão, Lucia Maria de Souza (Sônia), Luiza Augusta Garlipe (Tuca). Sônia era uma grande amiga da comunidade que curava doentes com etnofarmacologia e tratava de feridas, além de ser parteira local; todos os citados acima eram chamados de “comunista e terrorista” BARBOSA (2016).

Nesse processo da história com o passar dos anos foi criada a Associação de Moradores de São Domingos do Araguaia em 1982, que serviu basicamente para oferecer uma espécie de naturalidade para os locais. e a comunidade de Vila Nazaré, era representada por quatro coordenadores, os quais eram eles: Manoel Nelito, Joaquim, Francisco Jerônimo, José Guimarães que em suas atuações conseguiram três poços e uma sala de aula, já em 1984, outrora, as aulas ministradas pelo senhor Jose Guimarães eram realizadas embaixo de árvores a céu aberto. Após a construção das salas de aulas começaram a lecionar no prédio da Associação dos Moradores construído pelos líderes citados em 1985.

O senhor José Guimarães, apoiado pelo senhor Raimundo de Souza Cruz, lecionava no barracão coberto de palha onde eram aulas durante a semana e aos domingos celebrações religiosas. Neste sentido, Machado (2017) define a escola como espaço físico que permite a formação social e política dos sujeitos, ao mesmo tempo, esta possui como função social a socialização dos saberes acumulados e os processos de reelaboração e produção dos conhecimentos pelos homens ao longo dos tempos.

Por definição, a Educação Básica nas Escolas do Campo é:

[...] a identidade das escolas do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciências e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associam as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (Diretrizes Operacionais para Educação do Campo 2002. DICIONÁRIO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO (2012, p. 328)

A expressão “educação no campo”, também usualmente conhecida como educação rural, refere-se a um projeto de educação que é voltada para o campo, sem conexão com suas reais necessidades e sem um projeto de desenvolvimento do campo enquanto território de vida: este método se insere na lógica de urbanização e industrialização da sociedade, segundo a qual a educação é o centro de formação para as necessidades do mercado e, assim, a educação do campo fica em segundo plano, uma vez que o ideal de vida é o habitante na cidade SILVA (2011).

Neste contexto, a educação no campo deve priorizar as práticas de pesquisa englobando exercícios de escrita e reescrita, e a participação ativa do aluno no seu aprendizado como preconizado por Paulo Freire, com observação do espaço geográfico e escuta de sujeitos da comunidade, coopera para a valorização de formas de vida e trabalho que são vitais quanto outras, percebendo diversos processos vividos e produzidos na vida coletiva e individual.

Trata-se, assim, de estudos contextualizados, completos, com foco na interdisciplinaridade, a qual é o interesse maior na educação do campo. Essas práticas educativas nas escolas do campo reinventam e ressignificam a escola, tornando-a um espaço a serviço da comunidade, de defesa daqueles sujeitos e seus territórios, porque valoriza saberes, conhecimentos e práticas culturais e reafirmam a vida nos territórios.

Por conseguinte, a escola para aqueles que vivem no campo, é também um espaço de luta e resistência. Sobre as primeiras aulas na referida comunidade, foi relatado que: “Quando o compadre José Guimarães chegou formamos um tipo de comunidade. Fizemos um barracão velho pra botar aquelas crianças que precisavam estudar foi formando”.

Em 1977, os moradores, junto com a Igreja, solicitavam ao governo do Estado uma escola para a comunidade, não tiveram sua solicitação atendida por completa, pois conseguiram apenas uma escola provisória que recebeu o nome de Nossa Senhora de Nazaré, em homenagem à padroeira da comunidade, a mesma era mantida pelo estado, e a primeira professora a trabalhar foi a senhora Maria Eunice Lopes, com uma turma multisseriada de 28 alunos, onde foram construídas escolas padronizada, que duraram pouco, por serem feitas de materiais não duráveis como compensados.

Em 1987 foi construído outro prédio escolar na gestão do senhor Luís Carlos Lopes, para atender a demanda de alunos. Em 1988, mais uma reivindicação da associação foi contemplada neste caso a tão esperada rede elétrica.

Até o ano de 1991 a Vila Nazaré pertencia ao território do município de São João do Araguaia-PA. Em 27 de dezembro de 1991, com a emancipação do município de São Domingos do Araguaia, a vila passou a integrar o território desse novo município. Em outubro de 1992 foi eleito o primeiro vereador da comunidade, o senhor Deusdete Miranda com 109 votos, e permaneceu na legislatura da câmara por três mandatos, mas infelizmente pouco trabalhou pela comunidade e pelo povo do município, de acordo com os comentários dos moradores.

Em 1994, foi construído um posto de saúde na comunidade vila Nazaré, em julho de 1997 foi perfurado o 2º poço artesiano um na área da escola e outro na margem direita da rodovia BR-153, é o que distribuiu água para toda a Comunidade, e em 24 de agosto foi inaugurado o sistema de água da comunidade, que hoje é terceirizada para uma empresa privada.

A Vila Nazaré conta hoje com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Gonçalves de Moraes que está localizada às margens da BR-153, km-02 no sentido São Domingos do Araguaia a Marabá, município de São Domingos do Araguaia. Essa escola é fruto da luta de moradores organizados através da Associação de Moradores de Vila Nazaré, ligada à Associação de São Domingos do Araguaia. Uma escola que teve sua fundação logo nos primeiros dias de vida deste povoado, vindo de diversas regiões do Brasil, principalmente do Nordeste. Onde teve suas primeiras aulas embaixo de barracões cedidos por moradores onde eram realizadas as celebrações da Igreja Católica.

No ano de 1984, a escola foi construída com materiais permanentes (alvenarias), onde tinha uma sala de aula, uma cantina e uma secretária. Vale ressaltar que na época, o estado forneceu o material e os moradores através de mutirões realizaram a construção, com o término da obra, o nome da escola continuou sendo o da Padroeira da Comunidade, neste caso Nossa Senhora de Nazaré.

Com o crescimento da comunidade foi aumentando o número de alunos também, pois a escola não comportava o quantitativo de alunos encontrados, tendo que formar uma turma no barracão, onde eram realizadas celebrações da Igreja Católica.

Com isso houve a necessidade de construir outro prédio escolar, em 1987 foram construídas duas salas, pelo município de São João do Araguaia, que recebeu o nome

de Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Gonçalves de Moraes (Figura 10) pois nessa época São Domingos do Araguaia pertencia ao município de São João do Araguaia. A referida escola feita pelo município recebeu este nome, em homenagem ao pai falecido de uma vereadora (Maria da Consolação), que exercia grande influência no então governo.

Figura 10 - Escola da Comunidade Vila Nazaré



Fonte: Autora (2021)

No ano de 1999, o estado municipalizava o ensino de 1^a a 4^a série, com isto a Escola Nossa Senhora de Nazaré, é vinculada a escola Municipal Manoel Gonçalves de Moraes, deixando assim de existir nominalmente. Com esta mudança os moradores convocaram o Secretário Municipal de Educação, Raimundo Souza Cruz Filho, que em reunião com os moradores e funcionários, explicou que o motivo de não permanecer o nome da escola Nossa Senhora de Nazaré, ocorreu pelo fato, de que a escola está cadastrada no Censo Escolar, diante disso a Escola Nossa Senhora de Nazaré, encontrava-se desativada por ter sido municipalizada, e para permanecer seria um processo longo, com isto a escola perderia os recursos destinados à educação.

Os diretores que assumiram a direção da escola posteriormente foram apontados por políticos, ou seja, não houve mais eleição para esta escolha. Atualmente a Escola Manoel Gonçalves de Moraes, oferta o Jardim I e II do Ensino Infantil, o 1^o ao 5^o Ano do Ensino Fundamental e uma turma da EJA (Educação de Jovens e Adultos) que funciona nos períodos: matutino, vespertino e noturno, com um

total de 160 alunos. Ressaltamos que a formação da turma EJA é fruto dos esforços dos alunos do Curso de Pedagogia do Campo e Educação do Campo.

Para atender a demanda de alunos, a escola dispõe de programas do Governo Federal, neste caso do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Os programas contemplados: PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) desde 1999.

No ano de 2012 a escola foi contemplada com: O PDE Integrado (Mais Educação), para atender uma demanda de 100 educandos do 1º ao 4º ano. EPDE Interativo. O estabelecimento de ensino hoje em dia atende alunos de Educação Infantil: Jardim I e Jardim II; do 1º ao 8º ano do Ensino Fundamental de 09 anos, no período matutino, intermediário e vespertino, a idade dos educandos é de 03 a 18 anos, aproximadamente. No ano de 2016, o Colégio possui 194 alunos matriculados.

O corpo docente da Escola Manoel Gonçalves de Moraes é composto por professores concursados pelo município, alguns desses funcionários residem distante da escola. Os professores do 1º ao 3º ano participam da formação do PACTO (Alfabetização na Idade Certa) ministrado pela Secretária de Educação. O quadro dos funcionários de apoio da Escola Manoel Gonçalves de Moraes é composto por Diretor, coordenador, serventes e vigias. O diretor é responsável pela administração e pelo bom funcionamento da escola. A Escola possui atualmente um corpo docente de 10 professores, sendo atuantes em salas de aula.

A integração relacionada ao corpo docente, é constituída por dois professores que atuam no ensino infantil e oito professores atuante no ensino fundamental do 1º ao 9º Ano. Dos professores existentes na Escola, apenas 05 não residem na própria comunidade, sendo três residentes na sede do município de São Domingos do Araguaia, na cidade de Marabá e na cidade de Palestina do Pará.

Vale ressaltar que hoje há dez educadores, dos quais três têm vínculo com municípios vizinhos: São João do Araguaia, Marabá, Palestina do Pará. Os demais estão lotados no município de São Domingos do Araguaia, com uma carga horária que varia de 100 a 200 horas.

Mas nem sempre foi assim, de início o ensino era improvisado, ministrado pelos próprios moradores, Dona Rosa, a parteira, uma das pioneiras relembra seus tempos de estudante:

Tinha aquela escolinha, mas não era bem avançada como hoje, tem computador, essas coisas, no nosso tempo nós sentava em cima dos tijolos, não tinha cadeira pra gente sentar, hoje tá bem melhor. Eu completei, o

ensino médio, fiz o magistério, mas não quis dar aula, porque tem que ter concurso, fazer os concursos públicos, eu fiz mais não passei, e aqui o povo não dá prioridade pra gente que mora aqui não. Na escola daqui só tem até o ensino fundamental até hoje.

Para ir até a escola em São Domingos e cursar o ensino médio, Rosa recorda o meio de transporte: “As idas a pés, nos cansamos de ir, mais meu pai, no carro do leite, pegava carona com meu pai, hoje em dia tá melhor porque tem ônibus escolar, no nosso tempo não tinha”.

De acordo com Correa (2019) “A educação no ambiente do campo proporciona especificidades que são importantes a escola, a respeitar e considerar para que de fato aconteça a educação a todos os indivíduos, pois não existe um modelo único de ensinar. A diversidade determina que tenhamos distintos modelos educacionais para atendermos a realidade campesina com suas diferentes características socioculturais e econômicas”.

Segundo o entrevistado José Lima Guimarães, em 1994, foi construído um posto de saúde na comunidade Vila Nazaré, mas a saúde ainda é precária na comunidade e isto dificulta a vida dos moradores, pois muitos têm que se deslocar da vila para São Domingos ou Marabá, para conseguir consultas médicas, ao precisar de acompanhamento médico devido aos problemas de saúde. O posto de saúde está em reforma desde o ano de 2014 (Figura 11), até os dias de hoje, e ainda não está pronto para o funcionamento, agora alugaram uma casa para poder ter atendimento médico uma vez por semana na vila Nazaré.

Figura 11 - Reforma do Posto de Saúde da Comunidade



Fonte: Autora (2021)

Rosa reforça: “Assim, a saúde aqui não é muito boa, tá parado. A única coisa que funciona é a educação”. Sobre a influência do poder público na comunidade, o senhor José Rene dos Santos afirma:

Tem um posto de saúde improvisado, a casa é até minha, alugada, estão arrumando o outro lugar que era o posto, mas tá enrolado, as ruas e só promessa, quando a BR foi asfaltada melhorou o transporte para Marabá, era uns quatro dias de viagem, para ir e voltar, nessa época o meio de transporte mais usado era a bicicleta para ir para São Domingos, eu ia a pé quando eu estudava no colégio José Luiz Claudio, estudei até o segundo ano do ensino médio, só tinha magistério e eu não queria ser professor, eu estudava a noite, mas até a oitava série era de dia, quando eu cheguei aqui eu ficava mais em São Domingos porque eu trabalhava em uma farmácia mais o meu tio, e depois viajei para o garimpo, trabalhei na fundação SESP por um ano e pouco e sai e montei o comércio onde estou até hoje graças a Deus dando certo hoje.

Na Vila Nazaré há as religiões católicas, evangélicas e espíritas. Seu José Guimarães fala sobre as religiões na comunidade: “Aqui tem sim outras religiões aqui dentro da comunidade, tem a católica, pois sou católico, e a Assembleia de Deus e a Madureira temos até um espírita aqui, que é o seu Chicão”.

O senhor Francisco Dias Carneiro, conhecido como seu Chicão, fala sobre suas práticas religiosas, o qual frequenta a igreja católica e evangélica, mas vive e se define espírita.

Dentre os membros da comunidade, Seu Chicão, chamou atenção pela sua história de vida, sua forte relação com a comunidade e religiosidade. O sujeito citado é membro da Comunidade Evangélica Espírita do Brasil e introduziu a prática da

religião espírita na Vila Nazaré, uma comunidade inicialmente católica, portanto o médium sofre, até os dias atuais, preconceito e perseguição religiosa.

Neste sentido, a intolerância contra a religião espírita não é um fenômeno recente, o que inclui relações de violência com particulares e com o Estado, estando relacionada ao modo de introdução do negro na sociedade e a marginalização e discriminação racial por ele sofrida ao longo dos tempos SILVA, SOARES (2015).

2. FRANCISCO DIAS CARNEIRO: MEMÓRIA E MEDIUNIDADE

2.1 Relatos dos vizinhos e amigos do senhor Chicão

No presente tópico deste Trabalho de Conclusão de Curso pretendemos transcrever e discutir as narrativas relatadas pelo senhor Francisco Dias Carneiro (Chicão) que versam episódios, crenças e referências da sua vida e práticas religiosas. Durante as entrevistas seu Chicão expõe seus conflitos internos religiosos, além dos conflitos externos relacionados a religião e comunidade.

O senhor Chicão se intitula o primeiro morador da comunidade, logo era coerente esperar que todas as outras pessoas que fossem chegando se adaptassem muito bem a ele e o tivessem como fonte de amizade e relacionamento, certo? Mas não foi bem assim. Sua crença foi tachada de excêntrica diversas vezes e se tornou um personagem temido.

O senhor Feliciano das Chagas, vizinho dele, comenta:

A gente sempre teve muito medo dessas coisas, né? A gente vem dum lugar que a mãe da gente reza com nós, pede proteção, a gente se apega a Deus, aí quando chega aqui e sente esses cheiros fortes de incenso ou vê essas coisa tudo em cima da mesa, a gente fica estranhando. Então se a gente tinha alguma pergunta sobre as moradias ou qualquer outra coisa da comunidade, nós evitava de perguntar pra ele, guardava pra nós mesmo.

Contudo os moradores antigos não demonstram muita fé ou certeza no trabalho religioso do seu Chicão, eles aprenderam a dissociar o médium do vizinho. A relação social ficou melhor, mas preservando ainda aquela distância no que tange aos assuntos espirituais. É assim com o senhor José Renê, que foi perguntado acerca da vizinhança e da proximidade com o seu Chicão:

Olha, ele é uma pessoa muito boa, ninguém questiona isso não. Se vem gente lá de fora para se consultar com ele, conversar com ele, sinal que ele tem a credibilidade de muitas pessoas, você tá me entendendo? Mas eu mesmo não me envolvo nessa parte. As minhas conversas com ele são mais das coisas aqui da nossa terra, de política, é assim.

O caso do seu Chicão, como o de muitas outras figuras religiosas confirma o provérbio bíblico de que não existe profeta em sua terra natal e que sempre são mais as pessoas de fora que enxergam alguma diferença ou autoridade na personalidade espiritual. Os vizinhos mais antigos, como Feliciano Chagas e Renê convivem há mais tempo e têm o seu Chicão como amigo, divergindo, no entanto, de suas crenças.

O senhor Renê continua:

Tá é bom agora, os nossos netos falam com o Chicão, conversam. Antigamente a gente não deixava nossos filhos chegar perto dele não. Como nós tinha um certo medo, os meninos cresciam com medo também, a gente imaginava mil e uma coisas, mas aí o tempo foi passando e a gente foi vendo que o Chicão não era isso tudo que a gente pensou. Mas a primeira reação foi de medo. Principalmente quando a gente via aquele monte de vela acesa e a cantoria, que nós pensava que era coisa contra nós.

O depoimento do senhor Renê vai de encontro ao que se mobiliza hoje, na sociedade, acerca da tolerância e da liberdade religiosa. De acordo com Fernandes (2017), a intolerância e o preconceito religioso normalmente vêm de outros males, como etnocentrismo e racismo cultural. Especialmente contra religiões de matriz africana ou contra a doutrina espírita, pode-se perceber uma série de insultos e calúnias referentes a seus modos de expressão.

Fernandes (2017) também comenta o Código Penal de 1890, artigo 157, que proibia a prática de espiritismo, estipulando a pena de detenção de 1 a 6 meses, mais uma multa de até 500 contos de réis. Se imaginar que no ano de 1890 até a década de 1970 tenham se passado cerca de três ou quatro gerações, é fácil perceber como a tradição e a moral perpetuaram o preconceito religioso.

As velas citadas pelo senhor Renê foram fotografadas. Certamente o seu Chicão conseguiu novos materiais para exercício do seu culto durante todos esses anos em Vila Nazaré (Figura 12) chama a atenção o fato relatado pelo senhor Renê a respeito da cantoria, que o assustava. A música faz parte do culto religioso de várias denominações.

Figura 12 - Mesa do Seu Chicão



Fonte: Autora (2021)

A esse respeito, Ellingson (2005) disse:

Música e religião estão intimamente ligadas em uma relação tão complexa, diversa e difícil de definir quanto ambos os termos por si próprios. Os religiosos ouviram a música como as vozes dos deuses e a cacofonia dos demônios, louvaram-na como a forma pura da espiritualidade, e condenaram como a última depravação sexual; com igual entusiasmo promoveram seu uso nos cultos e procuraram erradicá-la tanto da vida religiosa quanto da vida secular. Raramente um fenômeno neutro, a música possui um alto valor positivo ou negativo que reflete sua importância quase universal na esfera religiosa. O “texto” religioso tem sido cantado, não escrito, durante a maior parte da história humana; e comportamentos religiosos encontram articulação musical em quase toda tradição religiosa.

Dependendo da visão de algum religioso ou de alguma denominação, a música pode ser a voz dos deuses ou a cacofonia dos demônios, conforme disse Ellingson (2005), que pode ser presenciado no caso do seu Chicão e do seu canto com auxílio de instrumentos de ritmo e não de melodia e harmonia.

Então quem era o público do seu Chicão quando ele chegou à comunidade e todos ainda o evitavam? Os moradores, vizinhos do médium, contam que ele praticava seus rituais religiosos sem necessariamente uma congregação ou plateia ou grupo de fiéis para atendimento. O grupo de pessoas que acreditam em seu trabalho foi chegando com o tempo, fruto da sua perseverança em continuar seu culto.

A esse respeito, o senhor Feliciano das Chagas comenta:

Isso é bonito nele, sabe? Porque enquanto outras comunidades religiosas chegam aqui a pedido de algum morador da região, o Chicão começou a vida dele e o pessoal foi chegando. Talvez ele nem quisesse ser grande dentro da fé dele, nem imaginasse isso, mas acabou ficando porque as pessoas têm confiança nele. Hoje ele é um patrimônio nosso (risos).

O senhor Feliciano das Chagas chegou a um ponto que vale a pena mencionar, que é a modificação do espaço por conta do seu Chicão. Como procuram pelo médium pessoas do Pará, de Tocantins, do Maranhão e adjacências, os visitantes precisam de lugar para hospedagem, para refeições etc. O trabalho espiritual do seu Chicão melhorou muito o turismo de Vila Nazaré. Manoel Nelito, morador da comunidade, relata:

Mas olha, uma coisa é certa, o Chicão ajudou a melhorar a nossa vida aqui. O pessoal passava aqui só de passagem, só para procurar alguma coisa de ouro, só pra fazer alguma pesquisa, esses aí que são historiadores. Mas com a fama do Chicão, tem gente que passa mais de dia aqui, a gente aluga um quarto da casa, bota rede no alpendre, faz uma comidinha especial e dá pra tirar uma renda extra. É muito bom isso aí, que o Chicão faz por nós.

A relação dos moradores de Vila Nazaré com o seu Chicão começou reticente, evoluiu para transigente, até que as pessoas desenvolveram um carinho por ele, dissociando a sua pessoa da religião que professa.

Outra figura interessante da comunidade é a parteira (Figura 13) para alguns ela é folclórica, domina conhecimentos práticos, mas também espirituais ou sobrenaturais. Para Nava (2004) houve um surto de parteiras e curandeiras no Brasil colonial, permanecendo em regiões mais afastadas do litoral brasileiro e dos grandes centros urbanos.

Figura 13 - Parteira Rosa (à esquerda na foto) uma das Primeiras Moradoras



Fonte: Autora (2018)

Há uma mística no trabalho da parteira e do(a) curandeiro(a). Geralmente as pessoas enxergam um poder neles de forma mais simpática do que em relação ao

trabalho do médium, que neste caso é o seu Chicão. Em Vila Nazaré, a parteira Rosa conta como foi conhecer o seu Chicão e o que pensou acerca dele:

A gente que lida com nascimento, doença e morte das pessoas, a gente sabe bem o ponto fraco de cada família aqui tem que ser muito respeitador, muito honesto para não usar isso pro mal, sabe? Eu sei que eu faço isso, fiz o parto de mais de 50 mulheres daqui e virei madrinha de muitos meninos e meninas. O Chicão tem praticamente o mesmo tempo que eu aqui, mas o pessoal não chamava ele pra nenhum tipo de trabalho, como esses que eu faço. Eu reconhecia a importância dele, via nele boa vontade. Ainda bem que o tempo foi passando e o pessoal passou a respeitar mais. Eu ouço todas as religiões, o que tiver de bom em cada uma delas eu tomo pra mim. Como vi a cura e a vida de muita gente, acredito em Deus e converso bem muito com ele. De primeira diziam que o Chicão não acreditava em Deus, mas ele acredita sim, ele me falou e eu sei disso.

Rosa mostra como os estigmas começam a circular nos perímetros rurais, que é por essa discussão de dizer que alguém acredita ou não em Deus, serve ou não a Deus são marcadores importantes de processos de aceitação ou descriminalização.

2.2 O Senhor Chicão em relato

O senhor Chicão (Figura 14) chegou ao meu conhecimento por conta da minha avó, que morou na comunidade de Vila Nazaré. Eu visitava minha avó e ficava assombrada com o que as pessoas falavam a respeito dele, principalmente os adolescentes que ali viviam, tinham medo por ouvir o que os adultos relatavam sobre o senhor chicão. Depois que cresci, que entendi muito mais as fés religiosas, interessei-me pela pessoa do seu Chicão e pelo médium que ele é. Quando ingressei na universidade e comecei a pesquisar a comunidade, me despertou a curiosidade de entender e compreender mais sobre a religião pouco falada. Foi então que empreendeu-se essa pesquisa para tratar dele.

Figura 14: Senhor Chicão



Fonte: Autora (2021)

Nascido no Piauí em 1940, emigrou para a região sudeste do Pará com 40 anos, a priori com o intuito de trabalhar no garimpo, contudo posteriormente, fixou residência ao obter terras para a subsistência, relatando ter gostado bastante da terra encontrada, da fertilidade e do bioma amazônico.

Sr. Chicão deve se enquadrar numa descrição de sincretismo religioso, ele tem elementos de religiões de matriz africana, mas professa a doutrina espírita por meio da mediunidade, que é o dom pelo qual o indivíduo é um meio entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

A entrevista com o Sr. Chicão, ou as entrevistas, foram experiências memoráveis. O médium tem muito orgulho da pessoa que se tornou, ou como ele acredita, do ser que se torna há várias vidas. Ele sempre mistura tons de atualidade com saudosismo e tem-se a impressão de que os líderes ou figuras religiosas são marcantes pela sua capacidade de concentração e vivacidade.

Pude confessar a ele que, olhando para minha infância, não imaginava estar de frente a ele para coletar sua história e refletir sobre a Vila Nazaré. Ele reagiu positivamente, dizendo que nunca é tarde para se deixar conhecer alguém ou alguma ideia.

A fé tem um lugar especial na vida do seu Chicão. Ele sabe que é uma referência para a comunidade é isso que, como diz ele, o mantém de pé durante os dias em que a inspiração parece não vim e as respostas espirituais tardam a chegar; ou quando as pessoas reclamam que sua intervenção aos espíritos não deu resultado, que não conseguiram ter certeza que era o seu familiar falando ou que não receberam alento e cura.

Ao abrir a porta da sua casa (Figura 15) para mim e para a pesquisa acadêmica, o seu Chicão colocou-se à disposição para todos os detalhes que eu quisesse, porventura, saber. Nem todas as personalidades religiosas têm coragem para isso. A exposição da vida privada aos olhares alheios pode fazer o povo perder a fé no dom ou no que é sobrenatural em alguém.

Figura 15: A Casa do seu Chicão.



Fonte: Autora (2021)

No entanto o seu Chicão repetiu que é sempre bom as pessoas lembrarem que ele é humano, falho e que nunca os seus seguidores ou amigos devem esperar demais dele para que não se aborream quando ele cometer algum deslize moral ou espiritual. Citou o exemplo do Papa Francisco, que sempre foi tido como humilde, popular e benquisto, mas que deu um tapa na mão de uma mulher que o puxou com força.

“Esses casos acontecem com nós, com os padres, com os pastores, todo mundo tem alguma fraqueza que tenta dominar”, contou ele. Por fim, basta dizer que o seu Chicão é aberto ao debate, é provado na intolerância, acostumado com as ojerizas e tem um coração muito alegre e receptivo.

A sua vida pacata inspira confiança em muitas pessoas que o procuram e até afasta, como ele disse, aquelas que querem abordá-lo pedindo encantamentos ou feitiços para ficarem ricos rapidamente.

2.3 História de Vida do seu Chicão

Francisco Dias Carneiro é um brasileiro, nordestino, que traz em si muitas características que os dois primeiros adjetivos já podem fazer o leitor imaginar, que é de alguém criado no meio da dificuldade, que não teve muito tempo para estudar, brincar, que foi educado no trabalho braçal desde cedo.

Seu Chicão relata o acaso de ir parar na comunidade Grota da Camisa, uma vez que, ao sair do trabalho no quartel na cidade de Floriano, Piauí, seu tio o chamou para vir para a região de Xambioá, Tocantins, para trabalhar no garimpo de Cristal, para o Tabocão, sendo que seu tio repentinamente retornou para a cidade de Floriano e o mesmo resolveu continuar na região e foi para o garimpo de Itamirim, situado próximo de Palestina no Pará, posteriormente foi trabalhar com outro tipo de minério,

como diamante, e quando saiu do garimpo, foi para Porto Velho e depois de Porto velho para Manaus, e quando saiu de Manaus resolveu estabelecer residência na comunidade Grota da Camisa. Seu Chicão relata:

Aí eu vim pra esse garimpo de Apinagés e me casei, e fiquei morando por aqui, eu tive quatro filhos com a primeira mulher, nos se separou em 1987, nós vivemos trezes anos, quando nos se casamos ela tinha treze anos, dos quatros filhos que tive com ela, só dois vive comigo, a Marivalda e o Emivaldo, ai eu me casei com essa menina ai (dona Graça) e temos trinta e cinco anos de casado, e tive mais quatro filhos com essa aqui, o Frank, o Jorge, Juninho e a Maiara, tenho quatro filhos com essa.

Os dois casamentos tiveram relevante papel na vida do médium, segundo ele conta. Embora o primeiro enlace tenha se desfeito, ele diz que serviu de aprendizado para como ele deveria conduzir o segundo casamento. “Assim, a segunda esposa não sofre tanto”, diz ele

Em seguida ele começa a falar da sua vida profissional, porque como toca no nome dos filhos, se sente na responsabilidade de prestar contas do que fez para sustentar a prole.

Inicialmente, seu Chicão, na década de 1980, tinha uma farmácia na vila, uma vez que, o morador possui conhecimento prévio do ramo, contudo devido a questões burocrática e regulamentação da mesma, então ele resolveu parar de atuar nesse ramo e a trabalhar exclusivamente na lavoura de subsistência plantando, feijão, arroz, milho.

Neste momento da vida, seu Chicão ajudava muitas pessoas que vinham de outras cidades para se consultar com ele, o qual utilizava remédios, banhos, garrafadas, unguentos e benzimentos, através dos orixás. De acordo com Costa (1992), o medo da magia e da capacidade de suas práticas por meios ocultos e sobrenaturais é bastante generalizado na população brasileira desde os tempos coloniais.

Essa crença, segundo a qual certas pessoas podem usar poderes ocultos sobre os outros, provocando-lhes malefícios, “fechando caminhos”, “roubando amantes”, “produzindo doenças”, “causando mortes”, encheu e enche desde o período colonial as casas dos curandeiros, centros, terreiros, benzedeiras, espíritas e médiuns de todas as espécies. Seu Chicão, contudo, relata que “não faz trabalhos”.

Antes de se dedicar completamente ao seu dom, seu Chicão foi empresário de farmácia, servente de pedreiro, agricultor, minerador entre outros. Como ele diz, quem

vive afastado da cidade, não pode contar com capital nem com muita máquina, mas tem a terra e se tira dinheiro da terra, se a pessoa trabalhar com inteligência.

Ele conta que, quando criança, gostava muito de brincar com os meninos de sua idade e de conversar com pessoas mais velhas, isso quando elas o permitiam. “Papai conversava com os amigos dele e nem se dava conta que eu tava por perto. Só depois é que mandava eu não curiar (escutar) a conversa dos adultos”, conta ele rindo.

Quando perguntado sobre o relacionamento com os filhos, hoje em dia, ele diz que sente falta de alguns que foram trabalhar fora e vêm visitá-lo com pouca frequência. Ele julga que isso tem a ver com a escolha que ele fez de dar vazão ao seu dom da mediunidade e não propriamente com conflitos com a ex-esposa. “A família é tudo de bom que nós temos. O negócio é ficar atento para não deixar o trabalho tomar mais tempo do que o necessário para cuidar dos meninos”, completa seu Chicão.

Perguntei a ele quais seriam alguns conselhos que ele dá pela sua experiência de vida para alguém jovem pesquisador e profissional. Ele disse que é preciso ser inteligente sem perder o zelo nos relacionamentos; ter fé sem perder o respeito pelos outros e trabalhar fazendo o que gosta, aceitando todas as oportunidades que a vida der, como a que o tio dele lhe deu.

Se você tem um bom relacionamento com a família e, graças a Deus, a família do povo do interior é toda a vida muito grande, você vai ter indicação, convite e vai ser lembrado para fazer muita coisa, diz ele.

Na seção seguinte, seu Chicão comenta somente sua vida espiritual.

2.4 Experiência religiosa e mediunidade

Seu Chicão começa falando de quando a mediunidade despertou nele. Ele disse que dos dezoito aos vinte anos de idade, ele teve uma passagem de vida na qual não sabia reconhecer quando era dia ou noite, se estava famélico ou satisfeito. Nesse tempo, dormia no chão, num local desconhecido e foi acordado por um homem que conversava com ele e perguntou se ele queria comer algo. O desconhecido deu dinheiro e cigarros para o seu Chicão e sumiu. Isso se deu no Maranhão, depois que seu Chicão deixou os pais em Parnaíba- PI.

A aparição de entidades ou espíritos forma o médium. São essas experiências que transformam o indivíduo, que o conduzem para a missão. Para Suzuki; Comin (2021), é preciso que o médium esteja em constante desenvolvimento, o que pode incluir frequentar um centro espírita; e foi justamente isso o que aconteceu com o seu Chicão. Ele foi moldado pelo homem desconhecido.

Essa experiência com o homem desconhecido foi repetida, mais com mulheres que surgiram de repente, quando ele ainda tentava entender o primeiro encontro. Ele conta.

Vi duas mulheres morenas, uma mandou eu entrar e perguntou se eu estava com fome, me deram comida, eu comi, e daí eu já não sabia mais de nada de novo, já não sabia onde estava e as mulheres havia sumido, quando eu fui ver de novo já era cinco horas da manhã e ela já estava me acordando... ela me fala “ se levanta e vem comigo que o serviço já vai começar” eu me levantei, ela pegou no meu braço, chegamos em outra casa no fundo, aí quase toda cadeira tinha gente, tinha um velho moreno que era o pai delas, estava comandando os trabalhos no altar dele... olhei todo mundo, e pronto apaguei de novo, apagava do nada.

Percebe-se que o dom de seu Chicão se manifesta por meio de experiências que desafiam a crença do interlocutor porque o narrador não conta um relato cronológico, mas psicológico e marcado por inúmeras passagens que podem soar demais genéricas.

Ele continua sua história. Diz que se recobrou, não viu mais as mulheres, mas sabia que estava num centro espírita em Palmeira, perto do Piauí. Comeu uma refeição que foi deixada para ele. Estava numa região rural, com vegetação e água, porém em pouco tempo já não via mais nada do espaço geográfico ali vizinho. Ele não sabia dizer até que ponto estava na Terra ou em algum tipo de arrebatamento. Deu-se conta que estava em terra firme quando as mulheres retornaram e lhe deram mais uma vez de comer e o chamaram para mais uma sessão espírita, na qual o seu Chicão desmaiou.

Esta é a descrição que o médium dá ao local das sessões:

Tinha muita cadeira, com umas mesas bem grande, uns sentava de frente pra outra... e quem caia lá, ninguém nem tocava, se você caísse lá, ninguém tocava lá, as pessoas caíam porque a gente chama de matéria, o espírito ele não é matéria que nem nós, quando ele chega a hora de refrescar, o espírito não entra em mim nem em você não, o espírito quando tá mais perto do médium ele tá a 34 metros, você sente, seu sangue seu corpo se dá bem com aquilo, nosso coração não se une....

Perguntei a ele, nesse momento, como ele trabalhava com espíritos se eles ficavam de certa forma ainda longe. Ele respondeu que mesmo o espírito a 300 metros de distância, ele já tem poder para refrescar o médium. Seu Chicão usa o conceito de coroa, que é onde ficam armazenados o poder e a energia de alguém. Para ele, a sua coroa dá espaço para a coroa do espírito que quer se comunicar, recebendo sua magia e energia. Muitas vezes, essa experiência de substituição de um espírito por outro, ou de uma coroa por outra, apaga a memória do médium. Então, seu Chicão retoma a história das mulheres desconhecidas:

Voltando na história do centro espírita que eu fiquei, esse velho lá me tratou, fiquei bonzinho, aí ele mandou comprar roupas, lençol, rede, tudo bom, mandaram eu ir embora pra onde minha família, e me falou pra eu retornar depois de um ano, eu nem lembro como cheguei lá, e nem como saí de lá,... voltei pra onde minha família no Piauí, um ano depois eu cheguei lá certinho de novo, ele acabou de fazer o trabalho dele comigo, ele me disse que eu estava bom, e ele me disse que depois iria aparecer umas nogravisagens com você mas você não tem medo não, as nogravisagens era isso que ia acontecer comigo, essas coisas de rezar e fazer remédios para as pessoas...

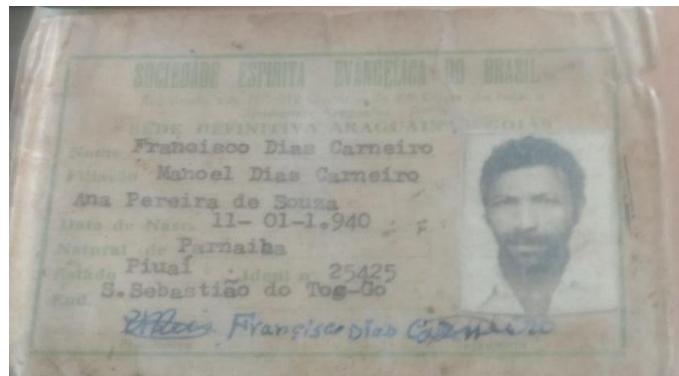
Como acontece em muitas outras religiões, é o encontro de alguém já experiente ou maior com aquele é iniciado que traz a certeza da vocação para a tarefa. Além disso, o fato também do seu Chicão, inconsciente, conseguir sair e voltar um ano depois ao local é um indício de que foi guiado por algo maior. Toda essa jornada o preparou para perder o medo diante do que estava por vir. Mas ainda antes dessa epifania, houve outro pedido do seu maestro espírita:

Ele me tratou, porque eu vivia um cara acorrentado, com uma força espírita, aqueles espíritos, eram aqueles espíritos fluentes mas não desarmava nada, eu não via aquilo e às vezes era uma coisa doentia, aí ele me tratou, e eu passei a ver... ele me falou das coisas que ia aparecer, e me deu outro prazo de sete anos para voltar lá, só que quando eu voltei com sete anos, ele tinha falecido, e quem atendeu eu foi a filha dele, mas antes de chegar esse tempo lá, passei em um povoadinho que nem esse aqui (povoado que faz referência ao que mora hoje) as casas tudo coberta de palhas, daí eu já morava lá, e nessa casa me aconteceu uma coisa, umas nove horas da noite, eu pra mim estava dormindo em sonho acordei e tinha um monte de gente, pra mim eu entregava uma receita e falei pra ele comprar o remédio pra filha dele, que ela iria ficar boa, e outro já me contava uma história... eu pedi pra todos irem embora, eu vivia cansado, eu derrubei uma parede todinha que eu passei o dia fazendo, fiz ela todinha de olho de palha, quando terminou isso eu derrubei ela, porque isso me deixava uma reação um problema, a gente às vezes está deitado, sonolento, eu só queria dormir, cinco horas da manhã eu levantei...

Gera curiosidade o tempo de sete anos que o seu Chicão ficou esperando para concluir seu treinamento com o homem espírita (Figura 16). Mas ele foi fiel, voltou

somente ao fim do tempo planejado, mesmo que o seu amigo não estivesse lá. Em sete anos, ele poderia ter desistido completamente do que queria fazer da vida, mas se apegou ao seu dom a despeito de todas as contradições que ele pudesse trazer para o médium.

Figura 16: Carteira da Sociedade Espírita do Brasil



Fonte: Carneiro (2020)

Seu Chicão conta que nesse intervalo de tempo, já havia casado com sua primeira mulher, o que pode ter sido um choque para ela, pois de repente o seu marido estava atendendo a diversas pessoas, receitando remédios e tendo vertigens após as consultas.

Ao fim desse trecho de entrevista, o seu Chicão explicou como foi para se credenciar, obter a carteirinha para execução dos serviços de médium espírita:

Depois de um tempo eu encontrei com um rapaz com o nome de Manu, aí eu comecei a aprender um pouco mais com ele... ele era um homem formado já, e eu já passava dele, desenvolvia mais os trabalhos... precisei fazer a documentação, primeira carteira minha foi feita em Parnaíba, e a segunda foi feita em Goiânia, Poragatu em Goiânia, eu tive que fazer o teste no centro espírita, era diferente do centro de palmeiro, eu fiz todos os teste necessários para receber a documentação, eu fiz uma reconcentração eu tive que trabalhar como vidente não invisível, porque invisível e quando apaga, vidente e que faz tudo e vê o que tá fazendo, e recebendo as orientações, e eu fiz tudo isso, e até hoje eu trabalho vidente, vendo tudo, se eu fosse consultar você eu teria que ter ajuda para consultar você.

Seu Chicão narra que sofreu a autoaceitação do seu dom, uma vez que, sua família era inteiramente católica e o mesmo descobriu muito cedo sua vocação religiosa, e afinidade com a umbanda e com o espiritismo, além do preconceito com essas religiões por parte dos membros da comunidade. A respeito do que as pessoas de outras religiões comentavam, seu Chicão diz:

Nesses tempos em que vivemos, que tem vários tipos de religião, aí uma pessoa diz que é crente, que a minha religião mexe com o diabo trabalha com o demônio, mas aquilo ali, tem muita gente que diz que é crente, aí eles pegam aquele preconceito, fica me falando para passar para o lado dele, se entregar a Jesus, vai ser crente, larga esse negócio de espiritismo que tudo que você faz, você está fazendo a vontade do inimigo, do demônio, mas veja, quantas pessoas tem, numa igreja, em duas, em dez... em mil com a Bíblia na mão, fazendo contra, e não está fazendo a vontade de Jesus, as coisas dele e tudo ao contrário, eu acho que todo mundo quando ele tem a licença de ser gerado, nascido e criado através dos milagres de Jesus, mas aí a pessoa é preta, o outro branco, o branco tem preconceito com o preto, se eu sou católico o crente tem o preconceito com o católico, e se eu sou espírita, junta o crente o católico e passa a ter o preconceito com a minha religião... muitos falam que estamos fazendo a vontade de satã, e aí tem o crente que mais gosta de fogo, só fala em fogo, e você vê, tem o mesmo problema, você vê mulheres e meninas, casada amigada com crente e muitos entram na igreja e vão percebem que é o jeito mais fácil de arrumar um namorado, um homem para ela casar, e o homens vê as mulheres bonitas, arrumadas, aí vão pra igreja pra se casar.

O retrato que seu Chicão faz é digno de se pensar a respeito. Ele faz uma crítica a respeito da visão mais social que a religião pode ter em vez de transcendente e espiritual.

Tradicionalmente a religião afro-brasileira é vista com desconfiança pelos membros da Vila que praticam outras religiões. O direito à liberdade religiosa tem que ser garantido para todos da comunidade, assegurado e protegido de qualquer discriminação.

O direito à liberdade de religião determina que o Estado desenvolva ações, dando condições para a prática. Não se pode ignorar ou fechar os olhos para a religião, ela está presente em vários grupos da sociedade, hoje não é algo isolado. A religião de matriz africana que mais se cultua no Brasil é o candomblé e a umbanda, que é realizada em seus terreiros pelos babalorixás e lalorixá.

Higino (2011) define que a tradição religiosa afro-brasileira é parte do legado deixado por homens e mulheres que contribuíram de forma significativa para a diversidade do país em que vivemos. A sabedoria e os valores das religiões de matriz africana é um expressivo elemento da cultura brasileira, que foi mantido por gerações.

No candomblé, a forma de cultuar os deuses (seus nomes, cores, preferências alimentares, louvações, cantos, danças e música) foi distinguindo pelos negros segundo modelos de rito chamados de nação, numa alusão significativa de que os terreiros, além de tentarem reproduzir os padrões africanos de cultos, possuem uma identidade grupal (étnica) como nos reinos da África (SILVA, 2005).

No candomblé, o seu o cultuar vem da representação de orixás, pombas giras e mestres, que sim recebe as entidades do mesmo jeito de outras religiões de matriz africana, dentro do candomblé existem várias nações, entre elas: Moçambique, Ketu, Umbanda, Angola, Nagô, Batuque, Congo. Cada nação tem suas seitas, e representatividades, tendo autonomia ancestrais dos cultos regidos pelos babas - diminutivo de Babalorixás e lalorixás - pais e mães de santo do terreiro (PARIZI, 2020).

Mais adiante, seu Chicão fala do seu atendimento espiritual para as pessoas nos dias de hoje:

Até hoje atendo, tenho uma salinha na minha casa onde guardo minhas coisas e tenho um quartinho também que faço as consultas, os trabalhos eu tenho um local, que eu chamo meu centro de ponto, todo mundo que trabalha com isso tem que ter o seu ponto de cada orixá, uns chamam de espíritos, mas o certo mesmo que fala e orixá... cada espírito daquele que eu tenho que ter um ponto, através daquele ponto do orixá se necessita fazer uns dez serviços a cem... para cada serviço tem seu orixá, eu trabalho com pontos só não entendo todos eles, de 22 linhas eu entendo 18.

Além de explicar bem como funciona o seu espaço geográfico, é a hora em que o seu Chicão também elucida melhor sua relação dentro da religião, como que comparando a si mesmo com outros médiuns. Nesse momento ele também diz que evita os termos “macumbeiro”, “pai-de-santo”, chama-se somente de médium, porque, como já foi mencionado em outros trechos da pesquisa, o seu Chicão mescla elementos do espiritismo com religiões de matriz africana que, segundo Fernandes (2017), foi um fenômeno bem comum desde o século XIX.

Outra curiosidade acerca do seu Chicão é que ele tem dois lugares para exercício da religião, um lugar em que atende as pessoas, a sua salinha, e outro que ele chama de recinto pessoal, onde não entram as pessoas que procuram o seu Chicão. Nesse recinto pessoal, ele faz os seus encontros com os orixás, é onde ele diz que faz as “suas coisas”. Ele complementa a respeito:

Eu sempre vou de duas a três vezes por dia lá no meu recinto, seis horas da manhã, doze horas do dia e seis e meia da tarde, só não vou segunda feira, e nem dia de sábado... no dia que vou mais pouco e duas vezes por dia, vou fazer trabalho lá, pego os dados da pessoa e vou lá fazer o trabalho dela, antes preciso estudar qual é o ponto que dá para trabalhar de acordo com o que você precisa, organizo o ponto antes, eu faço a armação daquele ponto e faço o trabalho, e se precisar de material a pessoa compra, como exemplo: vela branca, roxa, vermelha... tem que ser de vela de 7 dias pra ficar 13 dias sem apagar.... mas depende do problema, de acordo com o que é o problema e a cor, tem também a ver com o signo da pessoa, a luz tem que bater certo com o signo.

Anteriormente, o seu Chicão disse que não fazia “trabalhos”, mas agora ele revela que tem um recinto só para isso. Mas ele explicou que quando falou que não faz “trabalhos” é porque ele não lança maldições em ninguém. Ele disse que trabalha com a linha branca e não com magia negra. Ele até disse que comprou um livro chamado O Rei da Feitiçaria, mas que nunca o utilizou para seus trabalhos. Para endossar a legalidade do seu trabalho, ele arremata:

Para trabalhar com o que trabalho hoje tive que tirar um alvará de licença depois tive que fazer uma carteira da minha religião, para eu fazer o alvará tive que apresentar essa carteira, tenho um diploma, eu tive que passar por esse estudo, tenho autorização da polícia também, para poder trabalhar no meu espaço, posso trabalhar no Brasil inteiro com minha carteira, ela é nacional, minha carteira está vencida e para renovar vou ter que ir em Pau d'Arco, fui em Araguaína e me falaram pra ir fazer lá, pago uma taxa e recebo a nova, fiz a última tem uns dez anos já.

É interessante notar que seu Chicão cita a autorização da polícia para praticar sua religião, pois como se expressou previamente, o Código Penal brasileiro, de 1890, multava e sentenciava pena para prática de espiritismo, que se entendia pelo poder público como charlatanismo.

A foto da mesa do seu Chicão mostra que ele é um médium com influência das religiões de matriz africana, como umbanda e candomblé. Não obstante, quando perguntado como se define, seu Chicão responde:

Eu me consto católico, hoje o padre o pastor que o homem dividiram, isso é um problema, tem católico evangélico, eu vou na Igreja Católica eu vou na igreja evangélico, mas o problema da minha vida é que eu sou espírita, eu vou em todas as igrejas mas eu sou espírita. Na católica eu assisto à missa, eu me confesso, mas minha religião é espírita. O problema do espiritismo é que muitas pessoas não entendem da bíblia direito e pensam que a gente trabalha com coisas do diabo, e não é, a bíblia tá pra ensinar o homem a ensinar as coisas de Deus, e espiritismo tá pra ensina o homem as coisas de Deus e as coisas que sejam necessárias, uma doença, daí vai para os médicos e os médicos não entendem, daí tem que procurar outro rumo pra lá, tem que ser médium. Ao detalhar a forma de trabalho do seu guia, partindo de um problema de saúde é necessário entender a doença e tratar a mesma por vias espirituais, sem, contudo, utilizar salões específicos para este tratamento, apenas uma sala simples, nem bebidas alcoólicas.

Como muitas outras pessoas, seu Chicão se define católico, porque é a religião que vem do berço familiar, participando até do sacramento da confissão; mas que seu coração e sua vocação são para o espiritismo. Ele diz que não tem problema em frequentar várias denominações e outros lugares religiosos e acredita que o objetivo principal da fé e da Bíblia, conforme citou, é ensinar as coisas de Deus para as

peessoas, ensinar valores. Inclusive, seu Chicão tem um filho que é pastor evangélico e que vive falando para o seu Chicão deixar o espiritismo de lado. “Vivo dizendo a ele que temos um só Deus, é Ele quem salva, religião não salva”, diz o seu Chicão.

E por falar em valores morais, seu Chicão não cobra por atendimentos às pessoas enfermas, entretanto é necessário a compra externa de materiais como vela, essências, colônia de Alfazemas, taças para a realização dos referidos remédios de cura. É na venda dos utensílios auxiliares que ele consegue se manter do que faz.

Perfil semelhante ao do seu Chicão é o das rezadeiras de Capanema que rezam, adivinham e mulheres que englobam várias dessas práticas que são chamadas de “espíritas”. Ao assumirem tais identidades, algumas se denominavam rezadeiras e outras curadoras e, ainda, havia aquelas que não expressavam interesse ou preocupação com a denominação com que eram chamadas. Relatando que a reza acontecia devido ao dom que Deus, deu a elas. As quais são identificadas pela comunidade como “rezadeiras de criança”, expressão recorrente, com aceitabilidade maior SILVA (2011).

As pessoas atendidas pelo seu Chicão eram aquelas desenganadas por médicos, que procuravam solução alternativas para os seus problemas de saúde, dentre as buscas estavam os médiuns, magia branca e cura através de religiões afro. A medida que encontraram alguma cura ou resposta, a fé delas é fortalecida no trabalho e na intervenção do seu Chicão. Quanto ao orixás seu Chicão relata:

Aquilo do espiritismo a gente tem que selecionar aquelas linhas, correntes, de orixás que eles trabalham para o bem, o meu primeiro orixá que me orientou era com 360 anos que tinha morrido, fazia muito ano, que ele vem batalhando que nem nós, a lei de Deus nós não temos direito de ir para o céu também, e as mesma coisas que esses orixás peleja, se você tá com problema de uma doença, chegar a gente entende e trata da doença, muita gente fala que incorpora, na idade que eu trabalho eu nunca fui em salão, e nem bebo bebida nenhuma e tudo que eu faço eu vejo, quando eu quero ter contato com um dos meus orixás, quando ele tá mais perto de mim ele tá a uns trezentos metros, e não entra em corpo humano de ninguém não, só o seu que quando sai não volta mais não, tem gente que fala que espírito entrou no corpo de fulano acolá, é mentira.

Percebe-se que há uma mistura de elementos na figura do seu Chicão. É um médium espírita, trata dos problemas dos fiéis com elementos de umbanda e candomblé, participa dos sacramentos católicos e dos cultos evangélicos. Talvez o que ele mais procure, ao percorrer todos os cantos religiosos de Vila Nazaré, seja a paz para adorar segundo os ditames da sua própria consciência.

A experiência do seu Chicão vai ao encontro de Villacorta (2011, p. 39), que diz:

Outro autor que contribui para entender o universo dessas pessoas que identifiquei em Colares, é Soares (1994), para ele, a nova consciência religiosa é um fenômeno que vem se desenvolvendo nas metrópoles brasileiras, e que é composto por grupos de pessoas da classe média, e que não se trata tanto do surgimento de uma nova religião, mas de uma outra forma dos indivíduos se relacionarem com ela, não estando, os mesmos, presos a nenhuma religião específica, e sim vivenciando uma espécie de nomadismo religioso. Porém, existem elementos importantes deste fenômeno que o definem bem. Em primeiro lugar, é preciso observar que as pessoas que fazem parte deste cenário são adeptas de uma cultura alternativa, em que aderem a um estilo de vida que envolve aspectos de uma cosmologia alternativa. Ainda segundo este autor a cultura alternativa em sua versão religiosa, é portadora de um misticismo ecológico, que dialoga com as ideias de movimentos ambientalistas, ufológicos, Nova Era e esotéricos.

É interessante a visão da autora quando diz que pessoas revivem o significado de religião. Me parece ser o caso do médium Chicão. Não trazem necessariamente uma nova religião, mas um novo por quê para ela. Fazem a diferença no seu espaço porque convidam as pessoas para a fé.

Por essas razões, seu Chicão é uma figura atraente para se estudar na região Amazônica. Num local já cheio de histórias, esse personagem resulta de muitas culturas e crenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por elementos a região de importância nacional da Vila de Nazaré; o Espiritismo no Brasil e a mediunidade e os meandros da atividade espírita e mediúnica numa comunidade. É uma pesquisa de desdobramentos antropológicos, geográficos, religiosos e históricos.

O Pará é um estado brasileiro com uma diversidade religiosa e cultural impressionante. Ao mesmo tempo que o Círio de Nazaré toma as ruas de Belém, o Pará também é o berço de igrejas evangélicas no Brasil, como a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil. Logo, tecer este trabalho para dar espaço ao Espiritismo e às religiões de matriz africana é uma oportunidade para repensar minhas certezas e, de algum modo, uma contribuição no contexto dessas comunidades do campo.

As tensões religiosas levaram a diversas transformações sociais. Seu Chicão é um personagem que pode ser considerado um divisor de águas na Comunidade Vila Nazaré, porque tem mudado a visão da comunidade, paulatinamente, trazendo-a para o respeito mútuo e para a liberdade religiosa. A pesquisa mostra que a religião faz parte do início e da continuidade de Vila Nazaré, é aspecto formativo dela e o progresso no que tange ao bem-estar entre as diferentes denominações.

A mediunidade é um dom que traz grandes responsabilidades consigo. A aceitação desse dom pode afastar a pessoa do contato social, do círculo familiar e pode lhe impor muitas dificuldades de emprego e trabalho. A história do senhor Francisco Dias Carneiro é digna de se contar pois é a história de alguém que aceitou os riscos da sua vocação.

O médium é uma pessoa que tem presença no mundo dos mortos e dos vivos. É alguém que escuta o que os espíritos falecidos falam é mensageiro para seus familiares e amigos. Esse passeio pelos mundos e épocas permite um conhecimento aprofundado de quem o procura, ajudando-o assim a descobrir a razão de doenças e angústia.

Para o seu Chicão, a mediunidade é uma realidade desde sua tenra idade. Ele seguiu a religião católica como costume da comunidade do Nordeste e do Norte do Brasil. Manteve contato com outros líderes religiosos e extraiu deles tudo de bom que pôde, mas abraçou sua carreira de médium, incrementada com aspectos de umbanda e candomblé.

Seu Chicão é um Brasileiro, fruto da miscigenação, é por ela que ele se constrói e mantém seus relacionamentos. Sua história é de interesse de leitura não somente para quem compartilha da doutrina espírita ou da religião africana, mas de todo aquele que se encontra pessoalmente, profissionalmente e quer abraçar o chamado da sua alma.

A pesquisa foi muito importante para o meu crescimento acadêmico e humano. Retornei às minhas raízes com o olhar científico e, por meio da pesquisa científica, me encantei mais ainda pela terra natal e por todo o cenário que está por trás da minha criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGOTTI *et al.* **Garimpo de Ouro, seus Impactos Socioambientais e Políticas Públicas: Caso de Ensino baseado no Filme “Serra Pelada”**. Congresso ANPCON, 2016.
- BARBOSA, José Humberto G. **A Guerrilha do Araguaia: Memória, Esquecimento e Ensino de História na Região do Conflito**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Tocantins, Araguaína- TO, 2016.
- CORREA, R.A.R. **Educação Especial nas Escolas do Campo: Uma Análise dos Indicadores Educacionais da Rede Municipal de Ensino de Corumbá MS**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação, área de concentração em Educação Social do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019.
- ELLINGSON, Ter. Music: music and religion. In: JONES, Lindsay. **Encyclopedia of religion**. 2ª ed. Estados Unidos: Thomson Gale, 2005.
- FEB. **O Que é o Espiritismo**. Federação Espírita Brasileira. 56. ed. 1. imp. – Brasília: FEB, 2013.
- FERNANDES, Nathalia Vince Esgalha. A Raiz do Pensamento Colonial na Intolerância Religiosa contra Religiões de Matriz Africana. **Revista Calundu** - vol. 1, n.1, jan-jun 2017.
- IBGE. Disponível em < Fonte:<http://br.bing.com/maps>,> Acesso em: 14 novembro de 2021.
- MATHIS, Armin. **Serra Pelada**. Papers do NAEA, n. 50. Belém, 1995.
- MACHADO, L.C.T., **Da educação rural à educação do campo: conceituação e problematização**. In: Educere, XII Congresso Nacional de Educação, de 28 a 31 de agosto de 2017, Curitiba, PR, Anais 2017. ISSN 2176-1396.
- MAGNANI, J.G.C. **De perto e de dentro: nota para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.
- MENEZES-NETO, A. J. **A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra**. CADERNO CRH, Salvador, v. 20, n. 50, p. 331-341, Maio/Ago. 2007.
- MECHI, P. S. **Protagonistas do Araguaia: trajetória, representações e práticas de camponeses, militantes e militares na guerrilha**. Tese de Doutorado, PUC-SP, 2012.
- MORAIS, T. & SILVA, E. **Operação Araguaia: Paulistas e Militares na Amazônia**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

NAVA, PEDRO. **Capítulos da história da Medicina no Brasil**. Rio de Janeiro: Brasil Médico-Cirúrgico, 1949.

PARIZI, Vicente G. **O Livro dos Orixás: África e Brasil**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

PEIRANO, M. **Etnografia ou a Teoria Viva**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

PORTAL DO ESPÍRITO. **Chico Xavier, o Maior Brasileiro de todos os Tempos**. Publicado em 06 out. 2022. Disponível em: <https://espírito.org.br/artigos/chico-xavier-o-maior-brasileiro-de-todos-os-tempos/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ROSEBERRY, William. **The Cultural History of Pleasantries**. In: SCHNEIDER, J.; RAPP, R. (Org.). *Articulating Hidden Histories: exploring the influence of Eric Wolf*. Berkeley: University of California, 1995. p. 51-66.

SANTOS JÚNIOR, Antônio Aparecido. **FORMAS TRADICIONAIS DE USO E INOVAÇÃO NO APROVEITAMENTO DO COCO BABAÇU NA COMUNIDADE DE VILA NAZARÉ, MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO ARAGUAIA, PARÁ**. Trabalho de Conclusão de Curso de Educação no Campo. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Marabá, 2017.

SILVA, Luciana Carvalho da; SOARES, Katia dos Reis Amorim. **A intolerância religiosa face às religiões de matriz africana como expressão das relações étnico-raciais brasileiras: o terreno do combate à intolerância no município de Duque de Caxias**, 2015. Revista EDUC Faculdade de Duque de Caxias, v. 01, nº 03, Jan-Jun 2015.

SILVA, M. C.; PREVITALI, F. S. **Educação no campo e trabalho: um estudo das escolas municipais rurais de Uberlândia-MG**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, n. 44, p. 76-91, dez. 2011.

SILVA, J. da S. e. **“No ar, na água e na terra”:** uma cartografia das identidades nas encantarias da “Amazônia Bragantina”. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2011.

SUZUKI; COMIN. **Mediunidade e desenvolvimento humano: uma investigação com médiuns espíritas de Uberaba-MG, Brasil**. Memorandum, 2021.

UEM. **Curso Básico de Mediunidade**. Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 2013.

VILLACORTA, Gisela Macambira. **“Rosa Azul” - Uma Xamã na Metrópole da Amazônia**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais e Antropologia. Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

YVONNE, Maggie. **Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.